

# Acção Socialista

Nº 1226 - 8 Setembro 2004

Director: Augusto Santos Silva Director-adjunto: Silvino Gomes da Silva  
Internet: www.ps.pt/accao E-mail: accaosocialista@ps.pt



## IDEIAS E PROTAGONISTAS EM DEBATE



Depois de um primeiro debate organizado pela Tendência Sindical Socialista, que decorreu na sede do PS, no Largo do Rato, os três candidatos à liderança do Partido Socialista, João Soares, José Sócrates e Manuel Alegre, discutiram as suas moções de orientação estratégica no Hotel Altis, em Lisboa, no passado dia 6. A este seguir-se-ão mais dois debates com os três candidatos, um organizado pela Federação do PS/Porto, no dia 18, às 16 horas, e os outros dois em órgãos de Comunicação Social. O primeiro realiza-se na rádio TSF, no dia 8, das 10 horas ao meio-dia. O segundo, realiza-se na SIC-Notícias, no dia 21,

às 22.30 horas. De referir que João Soares e Manuel Alegre estarão também frente-a-frente na mesma estação de televisão, no próximo dia 16, às 23 horas.

Dado o período de campanha eleitoral interna as páginas 6 a 19 do "AS" são dedicadas às moções globais que se apresentam ao Congresso, situação que se manterá nas próximas duas edições. A definição editorial e de conteúdos dessas páginas (quatro páginas para as moções que apresentam candidato à liderança do PS e uma página para as que não o indicam) é da exclusiva responsabilidade dos seus proponentes.

### GOVERNO

#### *Incompetência e abuso de poder*

O caos verificado pelo segundo ano consecutivo na colocação de professores é a prova acabada da incompetência e desorganização do Governo. E ao não permitir a entrada em águas territoriais portuguesas do chamado "Barco do Aborto", com uma despropositada demonstração de força, o Governo coloca-nos numa situação de ridículo junto dos nossos parceiros europeus. Por outro lado, assiste-se à despuddorada partidarização do aparelho de Estado de que as nomeações para a CCDR-Norte e o saneamento político de Nuno Cardoso são atitudes totalmente inaceitáveis. Estes e outros exemplos constituem algumas das piores marcas da governação da direita e são impróprias de uma democracia sólida por que lutamos.

3

### ELEIÇÕES REGIONAIS

#### *Jacinto Serrão desafia Jardim para debate televisivo*

4

#### *Carlos César quer vitória inequívoca do PS em Outubro*

5

# XIV Congresso Nacional PARTIDO SOCIALISTA

GUIMARÃES 1, 2 e 3 de OUTUBRO DE 2004



# DOIS MESES DE GOVERNO: A MESMA DIREITA, AS MESMAS POLÍTICAS

O Governo de Santana Lopes/Paulo Portas fará por estes dias dois meses de mandato. Sabemos que a natureza da coligação é a mesma, com o PP confortavelmente instalado em posições-chave do aparelho de Estado. Sabemos, também, que continua a liderança ideológica dos sectores mais reaccionários do partido de Paulo Portas sobre tudo o que representa questões de sociedade e costumes: basta ver o que vem sucedendo a propósito do mau-chamado "Barco do Aborto".

É certo que Santana Lopes procurou acrescentar um cunho pessoal. É a sua consabida paixão pela "comunicação". Em dois meses de actividade, há ministros de quem pura e simplesmente ainda não se ouviu sequer uma palavra; há ministérios que continuam tão paralisados como estavam no consulado de Durão Barroso; nenhum dos problemas de funcionamento que afligiam importantes instituições do Estado foi resolvido. Mas aumentaram os consultores de imagem e os assessores de Imprensa, e o Governo anunciou que iria organizar uma Central de Comunicação. Quem chefia? Pois o ministro Morais Sarmento, o mesmíssimo ministro que tutela a televisão pública, a rádio pública e a participação estatal na Agência de Notícias. Recapitulemos, então: Morais Sarmento tem a tutela da RTP, cuja informação está cada vez mais oficiosa; Morais Sarmento tem a tutela da RDP; Morais Sarmento tem, na direcção-geral da Lusa, um jornalista, Luís Delgado, que é, ao mesmo tempo, comentador encartado, para dizer bem, "linhas direitas", como ele próprio escreve, do Governo e de Santana. Morais Sarmento passa a ser agora o chefe máximo da propaganda governamental. É caso para dizer que nem na China comunista se arranjará melhor...

Nos seus discursos de posse e investidura parlamentar, Santana Lopes anunciou uma viragem para as políticas sociais. Mas, até agora, a vida das famílias em nada beneficiou da acção do Governo. É certo que o dr. Fernando Negrão passou a ser canonizado como "ministro da Segurança Social, da Família e da Criança". Mas, por onde é que ele anda, que ninguém lhe vê iniciativa alguma? Já terá voltado de férias? Depois, muitas famílias têm crianças e adolescentes em idade escolar. Mas a herança de David Justino e Durão Barroso é o caos absoluto nas escolas e no Ministério da Educação. Milhares de professores estão ainda por colocar e os colocados foram-no com três meses de atraso. Consequências: atraso brutal na preparação do ano lectivo, cujo arranque se fará aos soluços. Perturbação da classe docente. Inquietação generalizada com o futuro pessoal e profissional e sobrecarga dos órgãos de gestão das escolas, no ano lectivo em que começa uma nova revisão curricular do ensino secundário, sem qualquer formação dos professores, sem qualquer

programação, sem qualquer apoio técnico às escolas.

Na área económica e financeira, o Governo não se pode queixar de más notícias de Bruxelas. Pelo contrário: como o PS dizia e ao invés do que sustentavam Durão Barroso e Manuela Ferreira Leite, o Pacto de Estabilidade e Crescimento está em processo de revisão, e a revisão destina-se a, como reclamava Romano Prodi, torná-lo mais inteligente. O que é que isto quer dizer? Quer dizer que a regra dos três por cento do défice orçamental se tornará mais flexível, respeitando os ciclos económicos e poupando o investimento público. Ao mesmo tempo, dar-se-á mais atenção, como é justo, ao critério da dívida pública. Os constrangimentos exógenos sobre a política orçamental serão, portanto, menos duros. Mas o que é que tem feito o Ministério das Finanças? Para além de tentar sacudir a água do capote, insinuando heranças pesadas da doutora Manuela Ferreira Leite, nada. Aparentemente, os ministros da área económica entretêm-se em lutas de bastidores em favor dos respectivos favoritos, tendo por pretexto lugares de administração nas empresas públicas. Entretanto, esse notório representante da corrente neoliberal que é o ministro dos Transportes, António Mexia, ameaça com aumentos trimestrais dos transportes públicos. Quanto a políticas com sensibilidade social, estamos, pois, conversados.

Os dois primeiros meses do novo Governo de direita já chegam, portanto, para perceber o tom, o registo, e a lógica do par Santana Lopes/Paulo Portas. Na substância das políticas, continuará o mesmo ataque aos serviços públicos, continuará a mesma contra-reforma social, continuará a mesma incúria perante causas de modernidade e desenvolvimento. A mediocridade de alguns governantes já salta à vista. Entretanto, uma equipa infinita de consultores e estratégias procura, com uso desenvolvido dos recursos públicos, pintar o vazio com a ostentação da "comunicação". Só que a política não vive da "comunicação". Só que os portugueses não são meros receptores passivos de imagens e mensagens. Só que o sistema político tem partidos, associações e movimentos capazes de protagonizar a luta contra a direita e alternativas de esquerda.

O Partido Socialista está envolvido num debate interno, sério e aberto. Escolherá, no final deste mês, o seu próximo secretário-geral, a sua orientação política e a sua direcção. Dos documentos, das actividades e dos protagonistas que fazem esse debate dá conta, com a profundidade exigida, o nosso jornal. Importa, porém, que todos tenhamos a plena consciência de que o nosso debate se faz entre camaradas e que o país inteiro de nós espera ainda mais força, ainda mais iniciativa, no combate à direita e na construção da alternativa.



**AUGUSTO SANTOS SILVA**

*Augusto Santos Silva*

*Os dois primeiros meses do novo Governo de direita já chegam, portanto, para perceber o tom, o registo, e a lógica do par Santana Lopes/Paulo Portas. Na substância das políticas, continuará o mesmo ataque aos serviços públicos, continuará a mesma contra-reforma social, continuará a mesma incúria perante causas de modernidade e desenvolvimento. A mediocridade de alguns governantes já salta à vista.*

## RIGOROSO EXCLUSIVO: COLIGAÇÃO ABORTADA

ANTOONIO COLAÇO

PAULO PORTAS E SANTANA DEFINITIVAMENTE NÃO SE ENTENDEM E OS PROBLEMAS DOS PORTUGUESES CONTINUAM.

REVELAMOS, EM RIGOROSO EXCLUSIVO, O MOMENTO EM QUE AMBOS DISCUTEM EM QUAL DAS CORVETAS DEVERÃO ABORTAR A COLIGAÇÃO:

**PAULO PORTAS (PP)** - Estou farto de ser desautorizado quer por ti, quer pelas tuas secretárias, quer pelos teus assessores. Isto para mim acabou! **Quero abortar** na corveta F 487!

**SANTANA (PSL)**: E tu, com as tuas conferências de Imprensa no Caldas... já não bastava a Cinha! Pois **eu quero abortar** na corveta F 486!

PP - Óh, Pedro, ao menos entendamo-nos neste trágico momento. Fazamos isto como bons cavalheiros que somos! Tu não vês que a F486 é a pílula abortiva e..

PSL - F487, já disse..

PP - F486....

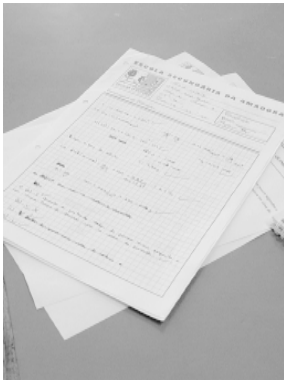
PSL - F48....



## COLOCAÇÃO DE PROFESSORES

# A INSUPORTÁVEL INCOMPETÊNCIA DO GOVERNO

A "imensa, incompreensível e insuportável incompetência" do Governo no processo de recrutamento de professores foi denunciada pela deputada socialista Ana Benavente, salientando que "ninguém poderia supor que os governos do PSD/PP conseguissem, em pouco mais de dois anos, fazer voltar a vida das escolas a tamanha desorganização". Ana Benavente, que falava durante o debate da Comissão Permanente da Educação da AR, referiu que "o retrocesso que vivemos na educação já não se avalia apenas pelo desinvestimento financeiro e pedagógico, já não é apenas a falta de acompanhamento e apoio às escolas, ou a ausência de políticas consistentes e da capacidade para as levar à prática". Do que se trata hoje, disse, "é da total incapacidade dos governos desta maioria em, simplesmente, assegurar o funcionamento do sistema educativo".



Agora, em Setembro, "apenas uma pequena parte dos professores sabe qual será a sua escola", e os erros detectados nas colocações "são, outra vez, aos milhares", afirmou, sublinhando que "esses erros atingem pessoas,

professores e alunos", bem como "a credibilidade da gestão educativa, impedindo que se avance para uma melhor educação".

Face a este quadro, a deputada do PS questionou a ministra sobre como vai o Governo assumir a "responsabilidade política por esta telenovela que prejudicou e prejudica tantos milhares de pessoas e hipoteca a educação dos nossos jovens".

Relativamente aos concursos para colocação de professores, o PS apresentou entretanto um projecto de resolução solicitando ao Governo o envio até 30 de Outubro de um relatório sobre o processo e uma tabela com o número de reclamações apresentadas, deferidas e indeferidas. O projecto socialista prevê também que o Governo apresente o número de providências cautelares interpostas, bem como dos recursos hierárquicos.

## "BARCO DO ABORTO"

# GOVERNO ABUSA DO PODER

A guerra que Portugal precisa de fazer é contra o silenciamento do tema que o barco Borndiep traz a debate, contra a condenação à ilegalidade e à insegurança de pessoas vítimas de um crime que resulta de as obrigarem a recorrer ao aborto clandestino.

Esta a ideia central da intervenção proferida pela deputada socialista Ana Catarina Mendes, durante a reunião da Comissão Permanente da Assembleia da República, no passado dia 2, ocasião em que também frisou a determinação do PS em "reclamar o respeito pelos Direitos Fundamentais dos cidadãos sempre que estes estejam em causa".

Apontar navios de guerra contra uma embarcação que apenas volta a chamar a atenção para uma realidade que constitui uma vergonha para Portugal é, para os socialistas, "inaceitável", pelo que Ana Catarina afirmou que o recente episódio do Borndiep "deixa patente a hipocrisia do actual Governo".

"Uma hipocrisia porquanto estamos na União Europeia, sujeitos aos seus princípios e tratados, quer o populismo anti-europeísta goste quer não",

considerou, criticando essa oportuna ignorância governativa da realidade de milhares de mulheres que atravessam a fronteira para interromperem a gravidez indesejada em clínicas espanholas.

A deputada socialista criticou fortemente os argumentos apresentados pela tutela para justificar a decisão de bloquear militarmente a entrada do navio da organização Women on Waves a águas territoriais portuguesas.

"A informação não constitui perigo para a saúde pública", afirmou, lembrando que Paulo Portas chegou mesmo a invocar a "soberania nacional" para, de forma absurda, fundamentar atitudes agressivas e autistas.

"Foi política pura, senhores", denunciou Ana Catarina Mendes, indignada, acusando o Executivo de direita de "meter água", enquanto Santana Lopes "a sacode do capote" e "Paulo Portas, aparentemente sozinho, em manifesto abuso de poder, manda as Forças Armadas ao encontro do BORN DIEP".

A terminar, a parlamentar do PS fez deixou um apelo aos deputados do PSD, no sentido de procurarem reparar este erro

absurdo enquanto é tempo e ajudarem o Governo a sair da posição humilhante em que Paulo Portas o colocou.

## Edite Estrela interroga Comissão

Entretanto, a proibição do Governo português de deixar entrar a embarcação holandesa em águas territoriais foi denunciada em Bruxelas pela eurodeputada Edite Estrela, que interrogou a Comissão, através de uma pergunta escrita, sobre se existe ou não violação do Direito Internacional e dos Tratados da União Europeia.

"Não considera a Comissão que esta proibição viola o Direito Internacional e o Direito Comunitário, designadamente a Convenção do Direito do Mar", interroga a eurodeputada, que pretende também saber se a limitação da livre circulação está ou não a violar os Tratados.

Edite Estrela pretende ainda saber quais as iniciativas que a Comissão Europeia vai tomar para que seja reposta a legalidade do Direito Comunitário.

## PS CONTRA ESCOLHA PARTIDÁRIA DE PRESIDENTE DA CCDD-N

Os autarcas socialistas abandonaram a reunião do Conselho da Região Norte, no Porto, em protesto contra a forma como o deputado do PSD João Sá foi escolhido para presidir à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDD-N).

Num comunicado, as federações do PS de Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real acusam a maioria parlamentar PSD/PP de estar "prisoneira de um sectarismo mesquinho sem precedentes, que levou a não se preocupar em estabelecer um consenso mínimo, contrariando o que está formalmente consagrado".

Para os socialistas, a coligação de direita "optou por uma solução que manifestamente não se adequa ao perfil exigido" para a presidência da CCDD-N, "dando mostras de uma arrogância que revela insuficiente cultura democrática e escasso sentido de Estado".

Segundo o PS, "está em curso um processo de partidização clientelar da Administração Pública", de que é também exemplo o "saneamento político" do socialista Nuno Cardoso da presidência da empresa Águas do Douro e Paiva.

## NUNO CARDOSO ALVO DE SANEAMENTO POLÍTICO



Nuno Cardoso acusou o presidente da Câmara do Porto, Rui Rio, de ser o responsável pela substituição na presidência da empresa Águas do Douro e Paiva, acusando-o de ter promovido "um saneamento político do mais pequenino e estreito sectarismo político sobre uma pessoa que nunca praticou isso, quando teve poder".

Em conferência de Imprensa, o antigo presidente da Câmara do Porto e actual líder da Concelhia portuguesa do PS considerou que a sua substituição é "uma decisão política errada", dado o "éxito evidente da gestão da empresa".

Nuno Cardoso sublinhou que não só foi ele próprio afastado, como também o foram os três administradores executivos que com ele são responsáveis pelo "evidente e incontestável êxito da gestão da AdDP".

"A perseguição política que motivou esta decisão tem um rosto e esse rosto é o de Rui Rio, que vê em mim o seu rival mais sério", afirmou Nuno Cardoso.

Sublinhou ainda que foi nomeado para a administração da empresa como gestor público e não em representação da Câmara do Porto ou do Partido Socialista. "Na altura nem sequer era membro do PS, era independente", frisou.

## ARTUR PENEDOS SOLICITA AO GOVERNO APOIOS PARA OBRA DO ARDINA

A grave situação financeira em que se encontra a Fundação Obra do Ardina, que corre o risco de encerramento, levou o deputado socialista Artur Penedos a dirigir um requerimento aos ministros da Segurança Social e da Educação. No documento, Artur Penedos questiona os governantes sobre se têm conhecimento da "situação dramática" desta instituição - que "durante mais de 60 anos se dedicou a contribuir para a dignificação da pessoa humana, muito especialmente os jovens mais desfavorecidos" - e que "medidas poderão vir a ser tomadas, imediatamente, para ajudar a resolver o drama de tantas dezenas de jovens e crianças, bem como dos trabalhadores envolvidos".

Salientando que actualmente existem naquela instituição 52 jovens internos e cerca de 500 crianças em regime de ATL que, caso venha a concretizar-se o encerramento anunciado, serão "irremediavelmente abandonados à sua sorte e, eventualmente, empurrados para caminhos desviantes", o parlamentar do PS lembra no requerimento que "é obrigação do Estado encontrar ou ser parte das soluções para este tipo de dramas sociais".



## BREVES

### GRUPO PARLAMENTAR

A bancada do PS exigiu a criação de uma comissão independente "para apurar o estado real das finanças públicas".

Em conferência de Imprensa, realizada no passado dia 18 de Agosto, no Parlamento, para comentar os dados da execução orçamental até Julho, **os deputados João Cravinho, Joel Hasse Ferreira, Vítor Baptista e Teresa Venda**, consideraram que a informação divulgada pela Direcção-Geral do Orçamento evidencia "um claro fracasso com fortes implicações para o futuro", uma vez que "as metas orçamentais estabelecidas pelo Governo "estão muito longe de serem cumpridas", ao mesmo tempo que a despesa corrente primária está em "alta derrapagem".

A situação financeira "extremamente grave" que atravessa o programa Polis motivou a exigência, por parte do GP/PS, da presença do ministro das Cidades, José Luís Arnaut, no Parlamento, para "prestar todas as informações" sobre este programa de reabilitação urbana.

"O PS vai requerer uma reunião extraordinária da comissão parlamentar [Poder Local, Ordenamento do Território e Ambiente] da Assembleia da República para que o ministro das Cidades venha ao Parlamento prestar todas as informações sobre a situação do Polis", afirmou em conferência de Imprensa o **deputado socialista Pedro Silva Pereira**.

### CONCELHIAS

**O PS/Lisboa** deliberou retirar a confiança política a Fontão de Carvalho, considerando-o desvinculado do Grupo de Vereadores do Partido Socialista. A decisão surgiu após ter sido divulgada a intenção de Fontão de Carvalho de assumir o pelouro das Finanças na Câmara Municipal de Lisboa, apesar de ter sido eleito pelo PS. Os socialistas de Lisboa condenaram veementemente "a atitude de aliciamento" praticada pelo actual autarca alfacinha, considerando-a "reveladora da desastrosa situação financeira da CML criada por Santana Lopes".

O presidente da Câmara de Faro, José Vitorino, mentiu ao responsabilizar o anterior executivo PS por não se terem tomado as medidas de segurança necessárias na ponte da Ilha de Faro.

Esta denúncia foi feita pelo líder da **Concelhia do PS de Faro**, Falcão Marques, contra o presidente do município local, numa conferência de Imprensa, em que garantiu que, aquando da transferência de poderes, no início de 2002, o autarca foi informado de todas as medidas já tomadas para assegurar a manutenção da obra e a segurança de todos os que nela circulam.

**Os socialistas de Alfândega da Fé** consideram que o presidente da Câmara subestimou a inteligência e capacidade de discernimento dos membros da direcção da cooperativa agrícola local ao tentarem fazer passar a ideia de que "se está a fazer um frete ao PS", pelo que se estaria perante um caso de instrumentalização política de um órgão directivo.

Depois de acusar o executivo camarário de empreender guerras desnecessárias com a Cooperativa Agrícola, os socialistas de Alfândega da Fé criticaram a autarquia por "vender e gerir expectativas, gastando ainda o dinheiro mal gasto".

### CLUBES DE POLÍTICA

Em actividade desde Junho passado, o clube de reflexão política do PS **Via Activa** não pretende fazer diagnósticos, mas encontrar e propor soluções inovadoras para os problemas do país, segundo declarou ao "AS" o seu porta-voz, António Gameiro. Na sua primeira iniciativa, realizada em Fátima no passado dia 5, os membros do clube marcaram novo encontro para 27 de Novembro, decidiram apresentar uma moção ao congresso socialista sobre desenvolvimento regional e descentralização e constituir dez grupos de trabalho no sentido de procurar novas ideias para o país. Tendo como fundadores os camaradas António Gameiro, Luís Paulo Maldonado Gonetla, Nuno Ferreira da Silva, Nuno Moita da Costa, Ricardo Saldanha e Rui Nelson Dinis, o Via Activa defende que as listas de espera de operações sejam combatidas mediante acordo com Espanha, no quadro da União Europeia, que a Caixa Geral de Depósitos articule com a Agência Portuguesa para o Investimento uma política de informação para os emigrantes que "querem investir em Portugal e não sabem como", ao mesmo tempo que dirige críticas ao Governo por não priorizar o objectivo de um Estado mais descentralizado.

Para mais informações consulte: [viaactiva.blogspot.com](http://viaactiva.blogspot.com)

### PARLAMENTO EUROPEU

Ana Gomes é uma das seis eurodeputadas que integram a delegação do **Parlamento Europeu** que na passada semana partiu para Darfur, no Sudão, para verificar a situação de grave conflito que se vive no país.

A delegação, da qual fazem parte eurodeputadas como a trabalhista britânica Glenys Kinnock e a radical italiana Emma Bonino, terá encontros com vários membros do Governo sudanês e com representantes das Nações Unidas e visitará uma série de campos de refugiados no Sudão e no Chade.

A visita será depois relatada durante a próxima sessão plenária do Parlamento Europeu, que decorre de 13 a 16 de Setembro, em Estrasburgo, podendo dar origem a uma resolução que exprima uma posição europeia sobre aquele conflito que já causou perto de 50.000 mortos e mais de um milhão de refugiados.

## AGENDA

**14 de Setembro** – Reunião da Comissão Política

**13 a 17 de Setembro** – O presidente do PS/Caldas participa no II Fórum Mundial Urbano, em Barcelona

## FESTA DOS 30 ANOS DO PS/MADEIRA

# JACINTO SERRÃO DESAFIA JARDIM PARA DEBATE TELEVISIVO



**O presidente do PS-Madeira, Jacinto Serrão, desafiou Alberto João Jardim para um debate televisivo "democrático e esclarecedor" sobre o futuro da Madeira, adiantando que os socialistas estão "preparados para responder positivamente à vontade de mudança" na região, onde ainda "imperava o medo".**

"Eu quero olhar o sr. Jardim, cara a cara, perante milhares de madeirenses, que só assim terão a oportunidade de avaliar a verdadeira força e a verdadeira capacidade de ambos os lutadores", disse Jacinto Serrão no comício/festa dos 30 anos do PS/Madeira, na Fonte do Bispo.

"Ele que venha ao debate. Saiba o sr. Jardim ser democrático e aceite este meu desafio, senão todos os madeirenses terão a certeza de que ele tem medo de se defrontar comigo num debate sério e leal, em igualdade de circunstâncias, onde os madeirenses serão os únicos juizes", acrescentou.

Jacinto Serrão garantiu que os socialistas estão "preparados para responder positivamente aos ventos de mudança que sopram na região", onde, acusou, "não se respira liberdade, nem democracia".

É que, na Madeira governada por Jardim, "há uma cultura do medo que oprime o nosso povo, que ameaça todos os que não se vergam ao peso dos tentáculos do polvo laranja".

Na sua intervenção, o líder dos socialistas madeirenses acusou ainda João Jardim de "usar e abusar dos meios públicos na campanha eleitoral" e de

"atacar a oposição e fugir aos debates", lembrando que ao longo de 30 anos só existiu um único frente-a-frente entre os líderes madeirenses do PS e do PSD.

O eurodeputado socialista António Costa, que foi portador de um "abraço de solidariedade" do PS nacional ao PS-Madeira, realçou na sua intervenção a recente revisão constitucional no âmbito das autonomias regionais, que disse ter levado maiores competências legislativas às Assembleias Regionais e clarificado o estatuto do representante da República e os aspectos financeiros, tendo concluído haver agora novas relações entre as Regiões Autónomas e a República Portuguesa.

"O tema do conflito é um tema do passado, já não tem presente e, sobretudo, não tem futuro", afirmou António Costa, sublinhando também que a autonomia regional "é um tema de unidade nacional".

Por outro lado, António Costa considerou que o modelo de desenvolvimento levado a cabo por Jardim está "condenado", pois assentou na existência de fundos comunitários, na "grande disponibilidade" de transferências do Orçamento do Estado e na execução de obras públicas. Se a primeira fonte esgotou, a segunda, no actual cenário de restrição orçamental, "está esgotada". Neste quadro, sublinhou, "são necessárias novas soluções e pessoas", cabendo ao PS/Madeira o papel da "renovação".

Sobre a campanha eleitoral em curso, o camarada António Costa enalteceu a "resistência democrática" feita pelos socialistas na região ao longo de 30 anos, afirmando estar convicto de que o PS/Madeira se encontra preparado para vencer todos os desafios e obter "o

melhor resultado eleitoral possível", tendo em conta as "condições difíceis em que o combate eleitoral se trava".

### Jardim só inspira anedotário nacional

Segundo o eurodeputado socialista, "a Madeira vive uma hora de mudança", restando por isso saber apenas "se essa mudança, essencial para a região, acontece já nestas eleições ou só daqui a quatro anos".

E adiantou que os sinais são muitos, já que o tempo em que Alberto João Jardim "metia medo a Lisboa" faz parte do passado. Hoje, "o mesmo presidente do Governo regional só inspira o anedotário nacional. É preciso que a Madeira se dê ao respeito na República, como os madeirenses e porto-santenses merecem. Para isso, exige-se um novo estilo e uma nova forma de governar".

Por sua vez, o presidente do Grupo Parlamentar do PS-Madeira na Assembleia Regional, Bernardo Trindade, denunciou que as autarquias, juntas de freguesias, casas do povo, clubes e grande parte da comunicação social "estão manietados pelo grande Salazar da Quinta Vigia (sede do Governo Regional)".

Já a presidente da JS-Madeira, Célia Pesseguero, acusou Alberto João Jardim de muito falar das autonomias mas, na prática, não respeitar as autonomias das instituições como a Universidade da Madeira.

Todos os intervenientes apelaram aos milhares de militantes e simpatizantes que se encontravam na Fonte do Bispo, no concelho da Calheta, a que não fiquem em casa no dia 17 de Outubro e que contribuam, com o voto, para a mudança política na Madeira.

## COMÍCIO-FESTA

# CARLOS CÉSAR QUER VITÓRIA INEQUÍVOCA DO PS EM OUTUBRO

O líder do PS/Açores, Carlos César, pediu uma "vitória inequívoca" nas eleições de 17 de Outubro, prometendo "investir prioritariamente na educação, formação, apoio à juventude e integração social", e tudo fazer para que os Açores "não só cresçam mais do que qualquer região do país mas sejam a melhor região dentro do nosso país".

Perante a obra feita em oito anos pelo Governo socialista, Carlos César acha que merece um voto de confiança dos eleitores "para continuar a mudar os Açores para melhor".

"Salvámos os Açores da falência", sublinhou, ao referir o investimento feito ao longo dos dois mandatos nos transportes, em escolas, no emprego, em novas tecnologias, na agricultura e nas pescas.

Carlos César, que falava perante milhares de açorianos presentes na festa-comício socialista realizada no Pinhal da Paz, arredores de Ponta Delgada, acusou ainda o PSD da região de ser responsável por



centenas de queixas anónimas a Bruxelas contra o Governo Regional, que têm "prejudicado os açorianos".

"Há quem não hesite em, sob a cobardia do anonimato, fazer centenas de queixas contra o Governo da sua terra", porque o

Executivo socialista apoiou "agricultores, pescadores, empresas, indústrias e cooperativas", disse Carlos César.

O presidente do Governo açoriano salientou que as queixas pretendem, apenas, que "Bruxelas não dê dinheiro" ao arquipélago para estes apoios.

Segundo referiu, as queixas anónimas surgem porque o PSD teme "que as pessoas e as empresas que são apoiados poderão gostar do Governo".

"Essa gente não se importa de prejudicar os açorianos, desde que consiga prejudicar o Governo da sua terra", realçou Carlos César, adiantando que "dentro em breve vamos ter as provas". Dirigindo-se ao líder do PSD/Açores, Victor Cruz, o dirigente socialista adiantou que "só há um que enfia o barrete até às orelhas", tendo em conta que os responsáveis dos restantes partidos da oposição "nada dizem" sobre esta matéria.

Carlos César considerou ainda que para Victor Cruz "vale tudo, mesmo estar contra a sua terra", concluindo que "quem não presta para a oposição também não presta para ser Governo".

## PS/S. MIGUEL DENUNCIA APRESENTAÇÃO DE PROJECTOS PLAGIADOS

O Secretariado de Ilha de S. Miguel do PS/Açores condenou a postura que tem sido assumida pelo líder da "Coligação Açores", ao reivindicar como seus projectos financiados pelas câmaras municipais.

Em conferência de Imprensa, os socialistas de S. Miguel denunciam aquilo que consideram ser uma situação "vergonhosa", "reprovável" e "eticamente inaceitável". No comunicado lido por José San-Bento, aquele órgão do partido condena a postura do líder da "Coligação Açores", que, ultimamente, tem vindo a apresentar como seus projectos que "são das câmaras municipais, que o PSD transformou em autênticas sedes do partido."

Foram esses os casos dos projectos da Foz da Ribeira, no Nordeste, da criação de diversas infra-estruturas de apoio ao

recreio náutico, na Graciosa, e, mais recentemente, do Porto de Pescas de Vila Franca do Campo. Todos casos em que, como disse José San-Bento, o líder do PSD/Açores apresenta os projectos como seus, quando foram mandados elaborar pelas câmaras municipais. Trata-se, segundo o Secretariado de Ilha de S. Miguel do PS/Açores, de uma atitude que em nada beneficia a seriedade que se quer em período de pré-campanha eleitoral.

"O líder do PSD/Açores entendeu transformar a campanha eleitoral para a Assembleia Legislativa Regional numa farsa. Brincando aos 'Açores dos pequeninos', o líder do PSD, de forma agarotada e patética, finge que é presidente, diz que combina coisas com ministros e apresenta como suas propostas dos outros, inclusive do presidente a sério, que, na sua fantasia,

ele quer substituir", disse José San-Bento.

"Depois do PSD e Victor Cruz se terem notabilizado como solícitos carteiros do Governo da República, assistimos agora, perplexos, a uma incrível sucessão de projectos plagiados e anunciados ao mundo pela mais inacreditável promiscuidade que há memória", afirmou ainda o porta-voz do Secretariado de Ilha, sublinhando que estes factos "apenas salientam o desespero, a desorientação do deputado Victor Cruz e a total incapacidade política da 'Coligação'." Como explicou José San-Bento, o PS/Açores não questiona a apresentação de novas ideias e projectos que contribuam para o desenvolvimento da Região, venham de onde vierem, mas sim o aproveitamento político que tem sido feito dos projectos das autarquias por parte da "Coligação Açores", com "as

câmaras municipais a pagar a campanha eleitoral da 'Coligação'", uma postura que consideram "reprovável, eticamente inaceitável e que, do ponto de vista político, tem de ser denunciada."

### Promessas demagógicas do PSD em Vila Franca do Campo

A Secção do PS de Vila Franca do Bispo, nos Açores, denunciou as "promessas ocas e demagógicas" com que o líder do PSD na região tem vindo a "bombardear" os vila-franqueses, à semelhança do que tem feito em todos concelhos do arquipélago.

"O dr. Victor Cruz, estando perfeitamente convicto de que não irá ser o futuro presidente do Governo Regional dos Açores, tudo promete na certeza de que nada terá de cumprir", referem em

comunicado os socialistas.

O PS/Vila Franca do Bispo desafia o líder do PSD a "apresentar os montantes envolvidos nas promessas apresentadas, pois certamente o Orçamento Regional dos próximos 20 anos não permitiria o cumprimento integral de todas as propostas numa legislatura".

No caso do porto de pescas de Vila Franca do Campo, a Secção do PS local "repudia as declarações do líder do PSD/Açores que, mais uma vez, vem prometer aquilo que já está em curso pelo governo de Carlos César".

No comunicado, os socialistas sublinham ainda que, com o aproximar das eleições regionais de Outubro, "tem-se assistido a um desfiar de promessas por parte do líder do PSD/Açores, repetindo ideias e projectos que o PS já apresentou ou que estão em curso pelo actual Governo".

## EXPERIÊNCIA E QUALIDADE NA LISTA SOCIALISTA

O líder do PS/Açores, Carlos César, candidato a mais um mandato como presidente do Governo Regional nas eleições de Outubro, afirmou ter um vasto leque de apoios que vão do PSD ao Bloco de Esquerda.

Após a entrega no Tribunal de Ponta Delgada da lista de candidatos por São Miguel às regionais de 17 de Outubro, o dirigente socialista acrescentou que os apoios com que conta para a corrida eleitoral têm que ver com a forma "isenta" como desempenhou os seus dois primeiros mandatos na presidência do Governo Regional. Sobre a lista de candidatos que encabeça

num círculo que elege 19 dos 52 deputados ao parlamento açoriano, Carlos César disse que junta pessoas com "experiência" e gente com "ideias novas".

Além de garantir o seu compromisso de "abertura" à sociedade, apontou a escolha do ex-reitor da Universidade dos Açores, Machado Pires — "um homem de investigação" — para mandatário das candidaturas do PS como expressão do empenho socialista em apostar na "qualidade e inovação".

Como prioridades para um novo Governo regional do PS, César indicou a "continua-

ção da modernização da agricultura e pescas" e a "consolidação do turismo". A criação de mais emprego, através de políticas de educação e formação, serão outras das apostas do PS no próximo mandato, acrescentou.

A lista de candidatos do PS por S. Miguel foi a primeira a ser entregue para as regionais de 17 de Outubro. De referir que o PS/Açores já concluiu o processo de entrega de todas as listas de candidatos. Os 52 deputados açorianos são eleitos em nove círculos correspondentes a cada uma das ilhas do arquipélago.

## GOVERNO REGIONAL CRIA FUNDO DE COESÃO PARA AS PEQUENAS ILHAS AÇORIANAS

O Governo Regional dos Açores do PS aprovou uma proposta para criação de um "fundo de coesão" que tem como objectivo central incentivar os investimentos nas ilhas do arquipélago com menor iniciativa económica.

O projecto a apresentar ao parlamento regional pretende estimular as "parcerias público-privadas", de forma a que o investimento público seja "mais intenso" em ilhas como o Corvo, Flores, Graciosa, S. Jorge e Santa Maria.

Além da criação desse fundo, o Governo anunciou, igualmente, o propósito de "reorientação dos benefícios fiscais e majoração dos incentivos" a projectos a realizar nessas ilhas.

"Nos Açores existem ainda ilhas, concelhos e até mesmo comunidades onde a eliminação ou a redução efectiva das desvantagens estruturais está acrescidamente dependente do investimento público, sem o qual não será possível valorizar as potencialidades económicas, as iniciativas locais e caminhar no sentido da coesão", refere o Executivo de Carlos César ao justificar a iniciativa.

# MENSAGEM DE APOIO

## João Cravinho

Mandatário Nacional da Candidatura de Manuel Alegre a Secretário-Geral do Partido Socialista

O país atravessa uma profunda crise, não apenas económica mas também social e política. Esta é a hora da verdade para os cidadãos, para os partidos, para a democracia. A candidatura de Manuel Alegre enfrenta essa exigência sem subterfúgios nem ambiguidades pseudo-eleitoralistas. Contra a política espectáculo propõe-nos a política como serviço público em defesa de um projecto de transformação em profundidade mediante a simbiose de um projecto de desenvolvimento na coesão e na justiça social.

Cintra a ambiguidade eleitoralista fala claro em nome dos princípios e valores do Partido Socialista traduzidos concretamente na luta pelo desbloqueio da capacidade de inovação dos portugueses e pelo levantamento da submissão do socialismo à tutela normativa do neoliberalismo.

Contra a política gestionista do puro acesso ao poder defende a centralidade motora do Partido Socialista na actuação cívica e política restritivas de um grande movimento social interclassista que deseja mudar o futuro de Portugal num ambiente de inovação e solidariedade.

Mudar o que faz mudar é o lema essencial da candidatura de Manuel Alegre. Mudar a qualificação dos portugueses e das nossas instituições públicas e privadas pela defesa do conhecimento e pela assumpção de uma ética de integridade ao serviço



do bem dos portugueses. Mudar também, e antes de tudo, o Partido Socialista impedindo-o de degenerar numa organização burocrática sem projecto socialista, sem ideologia, sem ambição e capacidade necessárias para exercer o poder de modo a tirar a direita do comando efectivo da governação.

Não interessa chegar ao poder pelo poder. Não interessa pedir o voto dos eleitores do Partido Socialista para que tudo fique na mesma, incluindo a manutenção do poder efectivo na direita dos interesses e nas velhas corporações fechadas sobre os seus próprios egoísmos.

O candidato Manuel Alegre não se dirige àqueles que apenas sonham em exercer cargos e gerir influências. A candidatura de Manuel Alegre vem para mudar o sentido real da governação pondo-a ao serviço das liberdades, capacidades e esperanças dos portugueses, sem discriminação e sem ludibrios eleitorais ou outros. Com Manuel Alegre volta o debate político no Partido Socialista, impõe-se o rigor na definição da ideologia da solidariedade e da inovação que nos é própria em vez de continuar a aceitar implicitamente a subordinação do Partido Socialista à ideologia neo-liberal sob o pretexto falacioso de que hoje a boa governação ignora a ideologia.

A candidatura de Manuel Alegre levantou enormes esperanças dentro e fora do Partido Socialista, renovou a dignidade da política como serviço público, lançou poderosas sementes no fortalecimento da real democracia partidária como matriz básica da nossa vida pública.

Estes são resultados concretos que vieram para ficar seja qual for o resultado da próxima votação. Mas serão e continuarão tanto mais fortes quanto mais alargado for o voto dos militantes na candidatura de Manuel Alegre. O fundamental é devolver o Partido Socialistas aos seus militantes.

## IN MEMORIUM

O Luís deixou de estar entre nós. Deixamos de poder gozar da sua inteligência fulgurante, da sua enorme qualidade como jurista, do seu imenso sentido de humor, em suma da sua *Qualidade*. Democrata de sempre, desde os seus tempos de estudante brilhante na Faculdade de Direito de Lisboa, já então lutador pelas liberdades cívicas, em tempos difíceis de Ditadura (iniciou-se como dirigente estudantil ainda no liceu), a sua influência nos tempos iniciais da Revolução de Abril foi importante e em certos pontos decisiva na construção do Estado de Direito Democrático.

A sua ligação ao grupo de intervenção socialista (GIS) e a muitos elementos dos mais marcantes do grupo dos 9 e em especial a Melo Antunes, possibilitou-lhe essa influência, sempre positiva

no início do constitucionalismo democrático pós –Abril de 1974.

Deputado de 1979 a 1983, teve nessa qualidade intervenções de grande relevo na revisão constitucional de 1982. Foi ele o principal construtor da justiça constitucional tendo sido membro da Comissão Constitucional (antecedendo o tribunal Constitucional) e juiz do tribunal, desde a sua criação.

Militante dos direitos humanos, homem da liberdade e das liberdades, deu ao Partido Socialista, em que se tornou militante em 1978, com Jorge Sampaio e muitos outros um contributo muito importante nos anos difíceis de consolidação do processo democrático.

Homem de valores, a sua vida fica ligada à criação

e afirmação da justiça constitucional e à defesa dos princípios e valores da Constituição da República, texto que tem também a sua marca profunda.

Todos estamos mais pobres. Para os que, como eu, puderam gozar directamente do seu conselho, do seu espírito fino, do seu humor, da sua cisão enriquecedora, da sua amizade e da sua crítica, o choque da madrugada de segunda-feira foi violento. Sabíamos dos seus problemas de saúde. Mas nunca pensámos que o Luís nos deixasse tão cedo, quando ainda tanto tinha para dar.

**José Vera Jardim**

07.09.2004

## CASA DA CULTURA FOI PEQUENA PARA ACOLHER OS MILITANTES

# FERNANDO VALLE NA CAMPANHA DE MANUEL ALEGRE

“Quando sairmos daqui vamos todos com a esperança reforçada”, afirmou Fernando Valle em Coimbra, no passado dia 3, na sessão realizada na Casa da Cultura, que aliás foi pequena para acolher os militantes. Fernando Valle, apesar dos seus 104 anos, fez questão de estar presente e presidiu à sessão. A sessão iniciou-se ao som da “Trova do vento que

passa”, seguindo-se a intervenção de Manuel Alegre sobre as razões da sua candidatura e as suas propostas para o Partido Socialista e para o País. Depois de ter ouvido testemunhos impressionantes de alguns dos militantes presentes, Manuel Alegre salientou que a sua candidatura não era de um só rosto, mas de muitos rostos e que contava com todos para levar

para a frente o seu projecto de renovação e mudança. No final, Fernando Valle considerou que o Partido Socialista saía daquela sessão mais forte, felicitou Manuel Alegre pela forma como tem conduzido a campanha e concluiu: “Fica bem claro perante todos quanto vale Manuel Alegre como poeta, como camarada e como amigo.”

## COMUNICADO DA DIRECÇÃO DE CAMPANHA

A candidatura de Manuel Alegre apresentou-se ao país e ao Partido Socialista com um projecto, uma estratégia e um novo modelo de funcionamento interno.

Fomos os primeiros a apresentar a nossa moção. Defendemos o debate público e aberto, sem limitações nem constrangimentos.

José Sócrates e alguns dos seu apoiantes reagiram como quem não está habituado ao debate de ideias, nem a ser contrariado. Recusaram o debate público das suas propostas e vêm agora com uma estratégia de auto-vitimização, que denota nervosismo e insegurança.

Criticar não é maledicência. É um exercício saudável e necessário. A liberdade crítica é o oxigénio da democracia. O que não é saudável é apresentar-se ao eleitorado de forma politicamente muito bem comportada e depois enviar recados a desconsiderar Manuel Alegre através de terceiros.

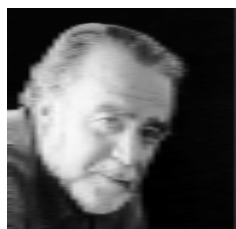
Desafiamos José Sócrates a ver e ouvir o que se passa no PS. Convidamos os seus apoiantes a comparecer em toda as iniciativas por nós promovidas e a usar livremente da palavra, mesmo para discordar. Foi pena que o Presidente da Câmara de Évora, por exemplo, tenha ficado calado durante a sessão naquela cidade e tenha vindo depois manifestar o seu desagrado para os jornais. Tem sido nas sessões que temos tomado conhecimento, em primeira mão, de testemunhos de pressão e constrangimento exercidos sobre militantes em vários pontos do país. Não os calamos, não os ignoramos, nem os desprezamos.

A nossa candidatura não veio para que fique tudo na mesma. Veio para discutir política, para debater projectos, para mudar o que está mal. É isso que continuará a fazer, doa a quem doer. Só assim seremos capazes de renovar o Partido Socialista e de mudar Portugal.

O director de Campanha da Candidatura de Manuel Alegre

**Oswaldo Castro**

Lisboa, 1 de Setembro de 2004



MAIS IGUALDADE  
MELHOR DEMOCRACIA  
MANUEL ALEGRE



## AGENDA SEMANAL DO CANDIDATO

7 a 14 de Setembro

### 7 - 11:30h

Encontro com Correspondentes Imprensa Estrangeira

### 8 - 23h/24h

Entrevista SIC Notícias

9 - 21:30h - Sessão de esclarecimento na FRO

### 10 - 21:30h

Sessão de esclarecimento em Leiria (Hotel D. João III)

### 11 - Viseu - 12h

Reunião na Sede do PS/Viseu; 16h - Sessão de esclarecimento;

### 11 - 21:30h

Sessão de esclarecimento na Guarda

### 12 - 21:30h

Sessão de esclarecimento Braga seguida de festa com Juventude - a confirmar

### 13 - 21:30h

Sessão de esclarecimento em Aveiro (Centro Congressos de Aveiro)

### 14 - 15h

Encontro com a FENPROF; 21:30h - Sessão de esclarecimento em Vila Real

## AGENDA DE INICIATIVAS LOCAIS

9 - Damaia (Amadora) - J. Lácio; Helena Roseta; Tavira - A.Santos Silva  
10 - Figueira da Foz - Helena Roseta; Oeiras - Medeiros Ferreira; Póvoa de Varzim - Alberto Martins; Olhão (18:30h) e Faro (21:30h) - Augusto Santos Silva; Cantanhede - João Cravinho e José Leitão; Soure - Maria de Belém; Odivelas (Pav. Polivalente - R. Aq. Ribeiro) - Jorge Lácio; Almeirim - Jantar (20 h) - Ana Gomes; Largo do Rato, recebe Secção Marítimo-Portuária (15:30h) - João Cravinho e José Leitão

11 - Aljustrel/C. Verde/Almodovar - Maria de Belém; Silves (17h) e Lagos (21:30h) - Helena Roseta; Arraiolos (*Questões Europeias*) - Ana Gomes  
13 - Loulé - Medeiros Ferreira; Marinha Grande - Manuel Maria Carrilho e Marques Júnior; Cascais - Helena Roseta; Évora (Debate 5 Moções) - Augusto Santos Silva  
14 - Borba (*Sociedade Inclusiva*) - José Leitão

## CONTACTOS:

Sede de Candidatura: Largo do Rato, nº 2  
1269-143 Lisboa  
Telefones: 213822087; 213822096; 916633232  
Fax: 213822097  
Sítio: www.manuelalegre.org  
Blog: www.manuelalegre.weblog.com.pt  
E-mail: alegre@ps.pt

# MANUEL ALEGRE

A candidatura de Manuel Alegre a secretário-geral do PS é, ao contrário de dos seus rivais, um acontecimento político. A candidatura de José Sócrates é um acontecimento burocrático, o aparelho partidário a procurar sobreviver da única maneira que conhece: através de quem lhe assegure a continuidade. A candidatura de João Soares é um acontecimento pessoal, uma inconformidade quixotesca contra a fatalidade de o pai o ter precedido. É certo que há Bush1 e Bush2, mas isso é nos EUA onde, como diz Gore Vidal, em vez de democracia há uma república dominada pelo dinheiro.

A candidatura de Manuel Alegre é um acontecimento político porque lhe preside uma intenção política, a de virar o PS à esquerda, e um projecto político, o de, juntamente com outras forças de esquerda, oferecer ao País a alternativa de que carece para garantir o seu florescimento numa UE crescentemente exigente e competitiva. Esta intenção e este projecto implicam uma reinvenção do PS. As vicissitudes do 25 de Abril dispensaram o PS de formular um projecto de esquerda. Protagonista, em 1975, da luta contra a aventura autoritária do PCP, o PS bastou-se com um projecto de democracia para o País, o que não foi pouco no contexto em que então se vivia. Durante alguns anos, este projecto confundiu-se com um projecto de esquerda democrática, por falta de uma alternativa PCP e pela confusão ideológica da própria direita. Em meados de 80, a direita assumiu o seu papel e, a partir daí, o PS passou a estar à esquerda da direita sem ter de ser necessariamente de esquerda. Foi então que da alternativa (que verdadeiramente



nunca existiu) se passou à alternância, uma passagem que o Governo Guterres assumiu por inteiro, tal como o faria um eventual governo de José Sócrates.

Porém, esta passagem nunca foi totalmente assumida no seio do PS, já que alguns sectores continuaram a ver nela, não a garantia da sobrevivência do PS, mas antes o perigo da extinção deste. A credibilidade desta suposição aumentou recentemente quando um PS atónito verificou que, pela primeira vez em 30 anos, não tinha um amigo na Presidência da República e que, portanto, a hegemonia da direita poderá estar de tal modo implantada que dispense a alternância. É desta

convicção que parte a candidatura de Manuel Alegre.

São duas as razões principais que podem levar o PS a perder o jogo da alternância. A primeira é que a direita portuguesa tem uma longa experiência histórica, não é burra e, em sua fase democrática, vem construindo há vinte anos um projecto de governabilidade que só ela sabe manejar com competência. A segunda razão é que este projecto — incapaz de se libertar inteiramente do fantasma de Salazar — garante a sobrevivência mediocre de Portugal na UE, mas torna impossível o seu florescimento num contexto exigente e moderno. Os Portugueses não estão conformados com esse destino e, como a alternância se dá no seio dele, buscam não a alternância mas a alternativa. Essa alternativa é, por enquanto, embrionária mas está a ser construída, fora do PS, a dois níveis. Por um lado, com a emergência do Bloco de Esquerda e o seu êxito eleitoral. Por outro lado, com a renovação por que está a passar, a nível local, um PCP, aparentemente estagnado a nível nacional. Algumas das experiências da democracia participativa mais consistentes ocorrem em autarquias comunistas, e é aí que se pode estar a forjar uma nova cidadania informada com a mediocridade e a corrupção. Tendo a intuição que o jogo de alternância pode estar perdido, Manuel Alegre aposta na alternativa, esperando que não seja tarde de mais. Não o é certamente para o País, mas sê-lo-á para o PS?

### Boaventura Sousa Santos

(Extraído da Revista Visão 12/08/2004)

## ELOGIO DA CLAREZA

(...) Se quisermos olhar para uma candidatura que efectivamente representa uma mudança — até no discurso — temos que nos voltar para a que é corporizada por Manuel Alegre. Sendo embora de dentro do sistema, ele é o que vem de fora do aparelho de poder que o PS, como qualquer grande partido, inevitavelmente desenvolveu, nos últimos 20 anos. Como fala (e escreve) bom português, não precisa de se enredar em circunlóquios para dizer aquilo em que acredita: que é preciso resistir à destruição em curso do Estado social, que é um defensor do Sistema Nacional de Saúde, que urge combater o desemprego e a pobreza com a redistribuição social do rendimento, que não enjeita



alianças com os partidos de esquerda para fazer vingar uma solução de governo liderada pelo PS. Há muito tempo que ninguém falava com tanta veemência e clareza sobre o que deve ser um conceito de poder alternativo àquele com que a direita tem vindo a estafecer o País, nos últimos dois anos e meio.

Pela primeira vez na minha vida, tenho pena (é uma forma de expressão) de não ser militante do PS: se o fosse, teria, ao menos, a possibilidade de votar em Manuel Alegre.

### Mega Ferreira

(Extraído da Revista Visão 19/08/2004)

## MANUEL ALEGRE VAI OBRIGAR A MUDAR MUITA COISA NO PS

Quis vir aqui para dizer que apoio o camarada **M.A.**, por ser o candidato capaz para fazer revitalizar o PS na sua cultura política e ideológica. Hoje não se sabe qual é a verdadeira bandeira oficial do PS, se branca ou vermelha, se com o punho ou com a rosa.

O PS está desacreditado por muita gente por aí e até pelos próprios militantes não só pela sua política e acontecimentos recentes, mas porque o PS não se define na sua política, porque diz-se um partido de esquerda e aplica sempre políticas e alianças com a direita.

PS tem tido uma política de "nhim nhim", de "bla bla", não é de esquerda nem de direita, não tem havido coragem para pôr o PS no seu verdadeiro espaço político. E quando está no poder não há coragem de assumir as responsabilidades e abandonam o barco. **M.A.** é um político que não foge nem vira a cara ao seu dever, é um homem de

esquerda, corajoso e da resistência. Por isso **M.A.** é a pessoa que interessa ser secretário-geral do PS.

Coimbra e o PS distrital deviam homenagear **M.A.** pela luta que travou com o Governo, no Parlamento e até no Partido sobre o problema da coincinaçãoção em Souselas. Foi **M.A.** que obrigou a parar a teimosia de Sócrates. Foi **M.A.** que fez o Governo repensar no tratamento do lixo tóxico em Souselas. Foi **M.A.** que obrigou a nossa autarquia a defender os interesses dos seus cidadãos e deixar de fazer uma política de "nhim nhim".

**Por isso, por ser um político corajoso, por não ser pessoa de fugir às suas responsabilidades, por ser uma pessoa frontal e decidida, por ser capaz de acabar com compadrio no Partido, por ser capaz de definir uma política verdadeira no PS, por saber transmitir uma boa imagem da política do PS à opinião pública**

**e por não estar comprometido com nenhum grupo económico, são estas algumas das razões que me levam a apoiar M.A.**

Finalmente quero também realçar as grandes figuras de bem, que em boa hora entusiasmaram, apoiaram e levaram **M.A.** a candidatar-se a Secretário-Geral do PS. Já se ouviu no terreno algumas vozes a felicitar **M.A.** por estar bem rodeado de pessoas capazes, sérias e competentes.

É este o princípio do meu pequeno contributo que quero oferecer ao camarada **M.A.** e desejar boa sorte na sua campanha, porque mesmo que não ganhe as eleições a sua forte personalidade vai obrigar a mudar muita coisa no PS.

### Ângelo Palrilha

Depoimento feito na sessão de Coimbra a 3 de Setembro

## PORQUE APOIO

Com Manuel Alegre teremos um PS mais determinado no apoio ao movimento trabalhista. Com Manuel Alegre a Secretário-Geral, um governo do PS não será neutral nas questões que afectam os direitos dos trabalhadores.

**Delmiro Carreira**

Pres. do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

Eu apoio Manuel Alegre devido à sua visão estratégica de governabilidade, assumindo a responsabilidade de pedir, nas próximas eleições, a maioria absoluta aos Portugueses ou, caso o PS, infelizmente, a não obtenha, encontrar soluções numa política de alianças que responsabilize os outros partidos de Esquerda.

**Carlos Trindade**

Sindicalista; Coordenador Nacional do STAD;  
Coordenador da Corrente Sindical Socialista da CGTP-INT

Paris, 27 de Agosto de 2004

Caro camarada Manuel Alegre,

Após a leitura atenta das diferentes moções em presença, e do tempo necessário à reflexão, acredito que as suas capacidade e experiência podem ser uma das mais valias para o nosso partido e por isso para todos os Portugueses, de "dentro" e de "fora". Sou homem de esquerda e por isso vivo há quarenta anos fora do País, partilho há já muito as suas ideias sobre o Socialismo de que Portugal precisa, tenho pois todo o prazer em lhe trazer o meu apoio pessoal.

**Aurélino Pinto**

Secretário Coordenador da Secção Paris Sul em França

Estou com Manuel Alegre. E mais militante fiquei depois de o ouvir, relançando a esperança nos socialistas e atrapalhando os cenários tecidos contra Ferro Rodrigues. Não se trata "apenas" do Manuel ser um dos referenciais políticos e morais da Esquerda e dos ideais democráticos em Portugal.

Estão em causa as visões do presente e do futuro, sem perder a memória histórica, que ele transporta e que enformarão as orientações estratégicas e o programa que vai apresentar aos socialistas e ao País: um programa que aposte nas pessoas para garantir a abertura e crescimento da nossa economia, mas também na reforma do Estado, para termos um Estado sóbrio, eficaz, respeitável e respeitado, realmente capaz de assegurar a justiça social.

Está em causa a integridade de carácter que é indispensável num líder, para que cumpra o que propõe, sabendo rodear-se de uma equipa competente e disponível para os compromissos exigidos pela vida democrática, mas não para desprezar princípios e valores socialistas.

Está em causa a coragem de que precisamos para romper lógicas clientelares aparelhadas em interesses e convívios nunca assumidos, que desvalorizam o PS como alternativa credível ao populismo da direita, comprometem o progresso do país e, sobretudo, corrompem a vida democrática em Portugal.

Apoio Manuel Alegre porque sei que ele quer mais mulheres a participar na vida política, pela justiça e pela qualidade da nossa Democracia.

**Ana Gomes**

Meu caro Manuel Alegre, melhor, Senhor Poeta, melhor ainda e ao modo do vocativo epistolar setecentista. Senhor Poeta, muito do meu coração! Sendo de desconcerto os tempos que a nossa polis atravessa, quero apenas que saiba que o gesto da sua candidatura e tudo o que ela pode e deve representar, e já representa, me anima e consola. Sendo que o misterioso canto dos poetas muitas vezes se aproxima do "dizer absoluto", a certeza de podermos ouvi-lo contrariar a vacuidade do Verbo e do Logos dos que hoje se entregam ao exercício político em nome da "res publica" é um belo estímulo e um ainda mais belo desafio.

Um abraço, amigo e solidário,

**Maria João Seixas**

Caro Manuel Alegre: em boa hora você se decidiu a deixar o banco e entrar no relvado. Fico muito contente e confio na sua arte de dominar a pelota, matar no peito ou no bico da chuteira, conforme seja o caso, e atirar para a meta. Quando o esférico balançar o véu da noiva, estarei na bancada, aplaudindo.

Um abraço, com a admiração de sempre da

**Maria Lúcia Lepecki**

## MANUEL ALEGRE NO JANTAR DA IGUALDADE

# CONVOCO TODOS PARA UM NOVO COM BASEADO NA IGUAL LIBERDADE DE HO

**1.** Este jantar realiza-se num momento em que o governo, com uma decisão bafienta e salazarenta do ministro da Defesa, está a praticar um atentado à liberdade de circulação na União Europeia, à liberdade individual e à liberdade de expressão. Não é o barco da organização Women on Waves que é um escândalo. O que é um escândalo é o aborto clandestino em Portugal. O que é um escândalo é a permanência de uma lei restritiva, contrária às recomendações do Parlamento Europeu e das Nações Unidas.

Hoje, como sempre, é a Assembleia da República que tem legitimidade constitucional para resolver este assunto. É tempo e mais que tempo de mudar a lei e descriminalizar a Interrupção Voluntária da Gravidez, por vontade da mulher, até às doze semanas no âmbito do Serviço Nacional de Saúde e sem prejuízo do respeito pela liberdade individual. Esta foi e é a minha posição. Esta deve ser, sem ambiguidades, a posição do Partido Socialista.

**2.** Disse na minha declaração política e reafirmo que os Estados Gerais não podem ser só um ritual pré-eleitoral. Os Estados Gerais têm de ser uma prática permanente que deve começar desde já. Este jantar é o primeiro passo dos novos Estados Gerais, entendidos como um estado de espírito e um processo permanente e genuíno de abertura do Partido Socialista à sociedade e à vida.

**3.** Não me levem a mal que recorra a um poeta: "Crime, se alguma coisa é crime, disse Rainer Maria Rilke, é não multiplicarmos a liberdade do ser amado por toda a liberdade que em nós possamos achar." A liberdade que está dentro da mulher multiplicada pela liberdade que está dentro do homem. E a que está dentro do homem multiplicada pela que está dentro de mulher. Liberdade vezes liberdade, sem qualquer hierarquização em função do sexo. É assim que se constrói a igualdade. E por isso eu disse na Declaração Política da minha candidatura que "defendemos a igualdade de homens e mulheres como uma prioridade da organização social inerente ao socialismo democrático".

**4.** Defendo a igualdade como um valor estruturante do projecto que apresento ao país. Porque as pessoas são homens e mulheres, com igual dignidade e com igual valor enquanto indivíduos e enquanto sujeitos de direito. Persistem, no entanto, cidadanias desiguais por causa do sexo e relações sociais entre mulheres e homens baseadas numa reciprocidade desigual. A hierarquização das pessoas em função do sexo leva a práticas de dominação e submissão que pervertem as relações entre as mulheres e os homens como seres livres. E geram violência, nomeadamente no quadro familiar.

É por construção social, e não por razões "naturais", que desempenhamos papéis fixos e diferenciados em função de sermos homens ou mulheres. Esses papéis sociais limitam a nossa liberdade, reduzem as nossas escolhas, prejudicam a nossa autonomia e atrofiam as nossas capacidades. Prejudicam as mulheres, limitando a sua participação na actividade económica e nos processos de decisão. E prejudicam os homens, limitando a sua participação na vida familiar. Esses papéis sociais e os códigos que os regem levam a que haja mais abandono escolar precoce e menor rendimento nos resultados da educação



dos rapazes. E acabam por levar os homens a morrer mais e mais cedo do que as mulheres. A desigualdade mata.

**5.** Também por razões de justiça social a igualdade de homens e mulheres é para mim uma prioridade. Apesar das leis reconhecerem a igualdade formal, os resultados do desenvolvimento humano evidenciam assimetrias que desfavorecem sistematicamente as mulheres. É o caso do acesso ao emprego. Da qualidade do emprego. Da progressão na carreira. Dos ganhos e dos rendimentos. Da participação nos processos de decisão. Do tempo de trabalho não pago. Do lazer. Da segurança no espaço público e no espaço familiar. Da pobreza. As mulheres, no conjunto da actividade profissional e doméstica, trabalham mais tempo do que os homens, mas têm rendimentos substancialmente inferiores. Além disso, sofrem uma concorrência injusta no emprego, porque têm menor disponibilidade do que os homens, supostamente "libertos" da prestação de cuidados à família e de responsabilidades domésticas. A desigualdade de homens e mulheres cria assim factores de concorrência desleal entre sectores de actividade económica, contribuindo para a manutenção da segregação do mercado de trabalho.

**6.** A igualdade é para mim uma prioridade ainda por razões que têm a ver com a qualidade de vida e com o desenvolvimento económico e social. A desigualdade de homens e mulheres gera conflitualidade, com efeitos na saúde física e psicológica das pessoas, na dissolução das famílias, no recurso aos tribunais, na criminalidade e na reinserção social, com encargos pesados também para a despesa pública. E priva a sociedade de todos os seus talentos, de todos os seus recursos e do retorno integral do seu investimento no capital humano, na criatividade e na inovação.

A desigualdade reduz a competitividade das empresas, que desperdiçam ganhos de produtividade, acumulam factores que perturbam ou quebram a paz social, têm que prever custos por incumprimento da lei e adiam sucessivamente a modernização da organização do trabalho. A desigualdade limita as receitas públicas no orçamento do Estado e no da Segurança Social. Induz despesa sem contrapartida em contribuições. E desencoraja a natalidade. Como sublinha a OCDE, "um desenvolvimento eficaz, sustentável e realmente centrado no ser humano implica ter em conta os conhecimentos, os pontos de vista e a experiência tanto das mulheres como dos homens".

**7.** Não há socialismo democrático sem igualdade de homens e mulheres. A igualdade faz parte dos objectivos de organização social constantes nas Declarações de Princípios, tanto da Internacional Socialista, como do Partido Socialista. Foram maiorias e governos socialistas que, em Portugal, conceberam e aplicaram uma nova geração de políticas públicas nesta área, de que saliento:

- os primeiros planos globais para a igualdade de homens e mulheres e contra a violência doméstica;
- os primeiros planos nacionais de emprego e para a inclusão social, em aplicação de políticas europeias, designadamente da Estratégia de Lisboa;
- o reforço de instrumentos para o combate aos maus tratos conjugais;
- a consagração constitucional da promoção da igualdade de homens e mulheres como tarefa fundamental do Estado, desde o direito à conciliação da actividade profissional com a vida familiar, sem discriminação em função do sexo, ao direito à participação directa e activa de homens e mulheres na vida política;
- o reconhecimento de novos direitos aos homens enquanto pais.

Foi no quadro da presidência portuguesa da União Europeia, em 2000, que foi aprovada a Resolução



# TRATO SOCIAL, MENS E MULHERES

do Conselho sobre a participação equilibrada de homens e mulheres na actividade profissional e na vida familiar.

8.

Comprometi-me, na apresentação da minha candidatura, a concretizar a igualdade como uma prioridade, no discurso político, na prática interna, no programa e na acção do futuro governo socialista. A igualdade de homens e mulheres implica uma responsabilidade institucional. Se for eleito, defenderei formas de funcionamento partidário que tenham em conta as exigências de conciliação de tarefas na vida quotidiana, com particular atenção à gestão do tempo e aos horários das iniciativas partidárias. Devemos evoluir para a interiorização e prática da paridade na constituição de listas no PS ou propostas pelo PS.

Com todo o respeito e amizade pelo camarada Almeida Santos, entendo, a título pessoal, e certamente ele será o primeiro a concordar comigo, que seria bom e inovador que o Presidente do Partido Socialista fosse uma mulher. É um sinal simbólico que envio ao PS e ao País. O Partido Socialista deve ver-se a si próprio e dar de si a imagem de que reconhece a igual importância de homens e mulheres para o bom funcionamento das instituições democráticas e para a tomada da decisão política a qualquer nível de responsabilidade. É também um sinal simbólico para que as mulheres eleitoras que se revejam no socialismo democrático. Se for eleito Secretário-Geral do PS, comprometo-me a fazer com que o Partido as acolha e lhes ofereça condições concretas de maior intervenção. Para que a voz das mulheres tenha um peso igual ao da voz dos homens nas decisões que moldam a nossa organização social e a nossa vida quotidiana.

9.

Perante o País, se for eleito, assumo, desde já, a responsabilidade de incluir no nosso Programa de Governo o combate às desigualdades de género através de políticas activas. Em particular no mercado de trabalho, para que homens e mulheres aumentem a sua qualificação e para que possam conciliar a vida profissional e privada; e no reforço das medidas contra a violência em função do sexo, em especial contra a violência doméstica.

Defendo a criação de condições para que todos, mulheres e homens, tenham acesso ao planeamento familiar e para que o Serviço Nacional de Saúde garanta a saúde reprodutiva das pessoas, nas suas múltiplas dimensões, desde o acesso à reprodução medicamente assistida até à interrupção voluntária da gravidez.

O próximo programa de governo do PS deve defender a descriminalização da IVG, sem ambiguidades e no respeito pelas convicções individuais de cada um.

É preciso reforçar a educação e formação para a cidadania democrática, que inclui a aprendizagem de novas competências para a vida e para um relacionamento humano novo entre as mulheres e

os homens, capaz de concretizar a igualdade de género. E temos de consagrar o princípio da paridade no acesso aos cargos políticos.

10.

Não vou comentar detalhadamente as propostas das outras candidaturas no que respeita à igualdade. Procurámos responder às questões suscitadas pelo Departamento Nacional de Mulheres Socialistas nesta área. Mas a moção continua aberta a contributos e sugestões até à votação em Congresso. O que estranhámos foi ver na moção que se intitula de "esquerda moderna" uma linguagem e abordagem tão desactualizadas. Fala-se aí da mulher e da sua "condição", como se a igualdade fosse um problema só das mulheres, quando é muito mais do que isso: uma questão de organização social, de direitos humanos, de democracia e de desenvolvimento. Não há nessa moção qualquer referência à paridade, nem no exercício do poder político, nem em qualquer outro. Falar deste tema, hoje, sem falar de paridade, é falhar a agenda.

A moção "esquerda moderna" moção propõe voltar a referendar qualquer eventual alteração legislativa sobre a IVG. Sobre esta matéria a nossa posição é muito clara. Não há necessidade de referendo, se os partidos explicarem, com clareza, antes das próximas eleições, aquilo que defendem.

11.

Mas porque a igualdade de homens e mulheres implica, antes de mais, responsabilidade individual para a mudança nos comportamentos e nas atitudes;

Porque a nossa moção defende "um partido mobilizador de consciências e vontades de mulheres e homens respeitados na sua dignidade e autonomia" e "uma cultura de partido inspirada por valores e princípios";

Porque a cidadania é indissociável de uma ética de responsabilidade;

Porque os socialistas são homens e mulheres livres, e o PS, como se dizia nos grandes momentos, é o partido da liberdade, o partido sem medo;

Convido os homens e as mulheres do meu Partido a olhar para a realidade da situação dos homens e das mulheres em Portugal e a compará-la. A reflectir sobre ela. E a intervir sobre ela com exigência cidadã e com ideal socialista.

Sendo o Partido Socialista um esteio da Democracia e da Liberdade, asseguro que comigo, será também, na prática, um esteio da Igualdade.

Daqui convoco os homens e as mulheres do meu Partido para um novo contrato social baseado na igual liberdade de homens e mulheres. Para que se mobilizem, individual e colectivamente, pela urgência de construir um futuro com mais igualdade e melhor democracia.

*Intervenção proferida no Jantar da Igualdade Lisboa, 30.08.04*

## MANUEL ALEGRE EM DISCURSO DIRECTO

Comércio do Porto, 1 DE SETEMBRO

**"A minha candidatura está a trazer de volta a política"**

"Cumprir um papel fundamental, o de criar uma dinâmica nova, trazer de volta a política e a ideologia. Nesse sentido, a candidatura (...) ganhou metaforicamente, mas também ganhou noutros sentidos porque já levou a "candidatura oficial" a mudar a posição (...) na política de alianças. Isso é uma vitória política, não minha, mas do PS, porque isso muda toda a política nacional", afirmou Manuel Alegre em entrevista ao Comércio do Porto.

Diário de Notícias, 26 DE AGOSTO

**Maus partidos fazem má democracia  
Sou contra a acumulação de cargos.**

**Isso cria uma rede de dependências que vicia a democracia interna.**

Aqueles que querem o poder a todo o custo (...) se votarem em mim, estão enganados. Eu quero fazer a pergunta "Poder para quê?"

Visão, 12 DE AGOSTO

**Uma revolução dentro do PS**

"Proponho uma reforma fiscal que liberte do peso excessivo dos impostos os trabalhadores por conta de outrem e que faça uma distinção nas empresas, entre as que trazem inovação e risco, que devem ser beneficiadas, e aquelas que declaram prejuízos mas cujos detentores ostentam misteriosos sinais de riqueza. E isso tem de acabar."

Expresso, 7 DE AGOSTO

"Há 70 e tal mil militantes que nunca votaram. Se se conseguir mobilizar essa gente podemos ter aqui um resultado surpreendente"

RTP N, 5 DE AGOSTO

"Só o Partido Socialista está em condições de poder federar a esquerda, é uma responsabilidade histórica"

Correio da Manhã, 3 DE AGOSTO

"Nós aceitamos a economia de mercado, mas o Estado deve ser promotor de serviços públicos que permitem a consolidação das políticas sociais"

## SESSÕES EM ÉVORA, BEJA E FARO

## MANUEL ALEGRE CONTRA OS INTERESSES INSTALADOS

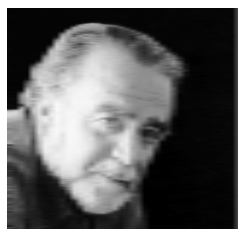


"Vim para lutar contra os interesses instalados dentro e fora do Partido Socialista", garantiu o candidato às centenas de militantes que compareceram às sessões realizadas no último fim-de-semana de Agosto em Évora, Beja e Faro. O candidato, que diz ter vindo para "desassossegar" e "despertar um partido adormecido", insurgiu-se contra o clima de medo e constrangimento que tem sido denunciado por militantes de todo o país que se dizem vítimas de pressões para apoiar outro candidato, dado à partida como vencedor. Assumindo-se como "o candidato contra o sistema" que não veio "para que fique tudo na mesma", Manuel Alegre foi aplaudido efusivamente por salas cheias em Évora e Faro. Defendendo que o PS não se deve limitar à alternância política com o PSD, mas antes ser uma "electiva alternativa à direita dos interesses", o candidato acredita que "para mudar o país é preciso mudar e renovar o partido".

Também em Beja, onde esteve na tarde de sábado, na sede da Federação distrital a transbordar de militantes, Manuel Alegre mostrou o seu espanto perante a "dificuldade" de um dos candidatos "debater a dois com os camaradas do PS os problemas do partido e do país", depois de ter andado quase dois anos a fazer "debates ou monólogos" com o actual Primeiro Ministro. "Não temos nada a esconder e é obrigação dos candidatos de um partido aberto como o Partido Socialista dizer qual é o projecto que se tem para o partido, para a democracia e para o país".



**Gilberto Gil é músico e ministro da Cultura do Brasil. Por isso, vê com bons olhos a aliança entre a política e as artes e considera "muito interessante" que o poeta Manuel Alegre se disponha a liderar o PS. Gilberto Gil – que está em Portugal para dar dois concertos – foi ontem (30/08/2004) convidado para tomar um Porto de honra com Alegre.**



**MAIS IGUALDADE  
MELHOR DEMOCRACIA  
MANUEL ALEGRE**



# INTERVENÇÃO DE JOÃO SOARES NA APRESENTAÇÃO DA MOÇÃO

Amigas e amigos, camaradas

Quero começar por agradecer a quantos quiseram estar aqui hoje na entrega da moção que apresentamos ao Congresso do nosso Partido e que suporta a minha candidatura a Secretário Geral do PS.

Aos mandatários, começando pela mais idosa, a camarada Silvina Almeida, da Guarda, os mais jovens, e são muitos os mandatários jovens nesta candidatura, sem esquecer as figuras de referência do PS como o camarada Luís Filipe Madeira ou a camarada Maria Belo ou a camarada Margarida Ramos de Carvalho ou o camarada Santana Maia que me honram com o seu apoio à minha candidatura e com o facto de terem aceite ser mandatários. Há, como notaram, nesta lista de mandatários muitas mulheres e jovens. Há mesmo um mandatário para a emigração.

À equipa da campanha, incansável, imbatível, animada por um espírito militante e por uma vontade de vencer incomparáveis. E no abraço que deixo ao Rodrigues Soares, à Alexandra, ao Vítor Figueiredo, à Osita, ao Hugo Eusébio, à Mirene, ao Marco António, ao Cristóvão, à Susana, à Ana, à Paula, e ao nosso querido Fernando Costa, coordenador insubstituível e imparável, envolvo todos, e somos muitos, os que estamos nesta luta por amor ao PS. Aos nossos camaradas representantes na COC, Carlos Luís e Rui Oliveira.

À equipa responsável pela coordenação da redacção da moção, Francisco Fonseca Silva, Judite Lopes, Duarte Lynce de Faria, Monteiro Pinho, Elsa Paes, João Palmeiro e Almeida Serra.

A todos os militantes anónimos de Norte a Sul que têm querido juntar-se a nós neste combate.

*O PS é um partido estruturante* da Democracia Portuguesa, com grandes tradições de luta, que assumo totalmente.

Num momento em que Portugal está a mergulhar na crise mais grave que atravessou, nos últimos trinta anos, é, mais do que nunca preciso um PS forte, fiel às suas raízes socialistas, com dirigentes honrados, que saibam o que querem e como podem “salvar Portugal”. É sobretudo disso que se trata.

*O PS é um partido de Esquerda*, empenhado na promoção das classes populares, pretendendo que o bem-estar dos portugueses – e dos imigrantes que vivem em Portugal – seja avaliado pelos benefícios, em concreto, que afliere a sua população e não apenas pelas taxas, em abstracto, do crescimento do PIB.

É um partido que sempre teve consigo uma parte importante dos intelectuais, dos artistas, dos universitários, dos professores dos diferentes graus de ensino, dos profissionais, dos quadros e dos funcionários públicos, que têm honra e orgulho em servir o Estado de Direito Democrático.

É um partido que apela às classes médias – tão sacrificadas, nos últimos dois anos – às mulheres e aos jovens e que deve procurar estar no terreno dos grandes combates sociais que se aproximam, ao lado dos sindicalistas que lutam pelos direitos e garantias de quem trabalha (que começam a ser cerceados) e dos autarcas, que têm uma concepção do poder local democrático, ao serviço das populações e não de inconfessáveis interesses imobiliários.

*O PS não é um partido neoliberal* – isso, para mim, é perfeitamente claro: é a favor do mercado e da iniciativa privada mas entende que o mercado deve ser regulado por valores ético-políticos, capazes de corrigir as injustiças e desigualdades que o mercado, tanta vezes, cria. A iniciativa privada deve ser encorajada – nisso o PS fez um esforço pioneiro – mas não deve sobrepor-se ao poder político nem substituir-se ao Estado, que tem vindo a ser corroído pela globalização.

*O PS é um partido de poder*. Como sempre foi. Por



isso assume as suas responsabilidades e quer ser governo, porque tem um projecto para Portugal. Não se trata de satisfazer ambições, mesmo legítimas, nem de ocupar lugares. Trata-se, literalmente, de “salvar Portugal”.

O poder implica ter um projecto coerente para Portugal, com políticas bem definidas no plano financeiro, económico, social e cultural, capazes de responder – com eficácia – ao Estado depressivo e sem rumo em que está a mergulhar Portugal. No plano interno português, no plano da União Europeia, no plano da CPLP, e da projecção de Portugal no Mundo, sem perder de vista a defesa da língua portuguesa e a defesa da diáspora portuguesa dispersa por todo o Planeta.

*Como Partido de Esquerda* – sem ambiguidades – socialista, sem qualificativos, nem moderado, nem moderno, nem radical, o PS tem de saber manter um permanente diálogo à Esquerda.

Comigo, como Secretário-Geral, nunca deixará de ter esse diálogo.

O diálogo à Esquerda não tem que ser justificado: é necessário e é natural. A Coligação de Direita postula, para ser vencida, essa orientação. Diálogo que implica, entendimento quanto ao essencial, convergência na acção e aliança para governar se for necessária, com ou sem participação no Governo. É o respeito pelo voto popular que define o caminho a seguir.

OPS, no entanto, merece obter uma maioria absoluta para governar, segundo o seu próprio Programa, o que não deve dispensar a manutenção de um diálogo à Esquerda. Contudo, se não a tiver, é com uma aliança à Esquerda que a obterá e não recorrendo a arranjos e artifícios inaceitáveis, como o do “queijo limiano”.

*O PS, sendo um partido de poder, está, neste momento, na Oposição*.

Deve assumir essa situação, natural em democracia, com coragem, determinação, firmeza e sem transigências.

Sucede que o PS considera que a actual Coligação de Direita no poder, cuja legitimidade democrática

é duvidosa, está a conduzir Portugal para um desastre. Na linha, aliás, do que sucedeu com o governo anterior. Foi uma das razões por que Durão Barroso “fugiu” para a União Europeia, esquecendo os compromissos que, duas semanas antes, tinha reasumido solenemente com os portugueses, após a clamorosa derrota eleitoral, sofrida nas eleições europeias.

Comigo, como Secretário-Geral, o PS fará uma Oposição diária – e sem compromissos – ao Governo Santana Lopes – na denúncia das políticas da Direita, das “negociatas”, dos abusos de poder, do despesismo, dos casos de corrupção, e das políticas erradas do actual Governo.

*Como Secretário-Geral do PS* procurarei prosseguir um trabalho colectivo com os órgãos estatutários de direcção, com as Autarquias e os Sindicatos, as Federações e os Militantes do PS. Trabalharei – de perto – com as Mulheres Socialistas, com a Juventude Socialista, e procurarei trabalhar com os grupos independentes, simpatizantes do PS, que se queixam de não serem ouvidos, senão para fins eleitoralistas.

Os militantes do PS não devem servir só para pagar quotas, para votar e ir aos comícios. Procurarei dar vida partidária própria às Secções, providenciando para que alguns meios financeiros lhes possam chegar. Os militantes de base são a seiva principal do PS. Por isso, com o seu voto, são eles que irão escolher o futuro Secretário-Geral do PS. É um precedente que se abre, com grande significado para o futuro.

Camaradas, o caminho que quero para o PS, e que quero liderar no PS, como um entre iguais, com firmeza, determinação e audácia, é o caminho da vitória. Vitória do PS nas autárquicas. Vitória do PS nas presidenciais e, sobretudo, vitória do PS nas legislativas.

É o caminho do PS devolvido aos socialistas. O PS na linha da frente de todos os combates de progresso e solidariedade na nossa terra. O PS que define, conhece, estuda, e marca as prioridades de agenda em Portugal.

O PS de portas abertas, próximo e profundamente entrosado com as pessoas, conhecendo e ouvindo os problemas dos portugueses, procurando escutar e dando voz aqueles que não tendo partido se sentem próximos dos nossos valores, de progresso e de esquerda. E não apenas em processos mediáticos até a vitória eleitoral. Num processo de portas abertas que se prolongará, em crítica, confrontação de ideias e diálogo mesmo, e sobretudo, depois de estarmos no poder.

Comprometo-me a abrir as portas do PS logo depois do Congresso.

Comprometo-me a realizar uma convenção do PS de portas abertas, no Porto, a 31 de Janeiro, para escolhermos o nosso candidato às eleições presidenciais.

Comprometo-me a ter escolhidos, num processo PS de portas abertas, com ampla participação de militantes, simpatizantes e cidadãos independentes, o mais tardar até 25 de Abril, os nossos candidatos autárquicos.

Comprometo-me como Secretário-Geral eleito a correr o país de Norte a Sul ouvindo e debatendo, confrontando ideias e projectos, visitando empresas, autarquias, sindicatos, cooperativas, num processo de diálogo interactivo permanente com os militantes e as estruturas do Partido, no quadro do PS de portas abertas que quero liderar, para que, em cada momento, a resposta política do PS seja resultante da participação militante de todos. Liderarei o PS com firmeza, audácia e coragem, como um entre iguais. E podem ter a certeza, camaradas, o meu maior desejo é conduzir o PS à vitória. Conduzir a esquerda à vitória sobre a direita. Para que possamos servir Portugal e os Portugueses, nas autarquias e no Governo, coerentes com as nossas convicções de mulheres e homens de esquerda, como os portugueses precisam e merecem.

Vamos a isto juntos!  
Viva o PS!  
Viva Portugal!

# JOÃO SOARES: APOIO A UMA CANDIDATURA



**Maria Antónia Palla**  
Mandatária

Liga-me a João Soares uma longa amizade, feita de experiências vividas e complicitades tecidas na defesa de causas que tiveram sempre como objecto a liberdade, a igualdade e a solidariedade, a coerência de princípios contra a hipocrisia.

E é em nome desses princípios que perfilamos – e que terão de ser mantidos no PS que queremos perpetuar – que estou aqui hoje para lhe testemunhar o apoio dos que vêm, na sua candidatura a secretário-geral do Partido Socialista, a garantia de que esses princípios – que estão na raiz do próprio PS – não serão esquecidos e que a grande tradição de um PS como partido dos trabalhadores – qualquer que seja a área profissional em que estejam inscritos – não será perdida.

Modernizar, sim. Mas descaracterizar o ideal por que tantos lutaram, não.

Alguns pretendem ver no punho fechado – o símbolo do PS que João Soares reassumiu – o símbolo de objectivos e de lutas perdidas no tempo, travadas em contextos históricos ultrapassados.

A mão fechada de João Soares – o punho erguido do PS – reafirma, a nosso ver, a necessidade, bem actual, de unir todos os que, independentemente da idade, grau de instrução ou inserção profissional, acreditem no trabalho como factor de realização

pessoal e dignificação social, condição indispensável para o crescimento económico, cultural e cívico que desejamos.

Queremos uma sociedade mais livre, mais justa. Queremos um país capaz de emparceirar com as pequenas grandes democracias da Europa que não tiveram Impérios e que baseiam o seu desenvolvimento na instrução, na valorização do saber, no aprofundamento da democracia, pelo empenhamento dos cidadãos no bem comum e na eliminação das desigualdades, nomeadamente entre homens e mulheres.

Neste sentido, o reconhecimento expresso de João Soares da importância do papel que no PS desempenham o Departamento das Mulheres Socialistas e a Juventude Socialista, bem como o compromisso assumido de formação de um Governo paritário, testemunham um desejo de modernidade que não precisa de terceiras nem de quartas vias para se afirmar.

A acção política de João Soares é conhecida. E pautou-se sempre pelo desejo de fazer obra. Obra pela qual quer ser julgado. Infelizmente, para ele e para nós, nem sempre isso foi compreendido.

E fazer obra, percebe-se, não é apenas construir, mesmo que se trate de parques de estacionamento que antes dele não existiam praticamente na cidade. Nem de recuperar teatros e monumentos, e nunca ninguém recuperou tantos. Nem mesmo revivificar o Chiado e o edifício da Câmara Municipal, devastados por incêndios e reabilitados num tempo recorde.

Em tudo o que fez, sem poupar esforços, João Soares preocupou-se em devolver aos seus concidadãos

uma cidade renovada e simultaneamente intacta nas suas características. Nunca Lisboa foi tão bonita! Desde os anos 60 que os governantes prometiam acabar com as barracas. Como jornalista, acompanhei vários presidentes de câmara que nos falavam dos seus projectos. Mas foi João Soares que acabou com o escândalo do Casal Ventoso, desenvolvendo aí uma obra de reinserção social que merecia continuar.

Menos referida, mas igualmente importante, foi a acção desenvolvida por João Soares a favor da paz e da democracia em Angola, pugnando pelo fim de uma guerra fratricida que durou perto de trinta anos e denunciando a corrupção impeditiva da criação do desenvolvimento e da democracia numa terra que aspira, como ele gota de sublinhar, “ao mesmo que nós obtivemos com o 25 de Abril”.

Em diversas circunstâncias, perto ou longe, onde quer que os direitos humanos fossem violados, João Soares manifestou-se sempre disponível para exercer – mesmo com risco da própria vida – o seu dever de solidariedade, batendo-se por este princípio fundamental que ele reclama hoje para si próprio: uma mulher, um homem, um voto.

É necessário que a política internacional mude. A actuação de João Soares nesta área tem apontado para a necessidade de se privilegiarem as relações Povo a Povo às esgotadas relações Estado a Estado. E isto é fundamental que aconteça, nomeadamente, na salvaguarda dos interesses mútuos de Portugal e dos países africanos de expressão portuguesa – se não quiserem ser expulsos do convívio com povos com os quais privamos durante quatro séculos.

Também a crise civilizacional que atravessamos, ameaçados por fundamentalismos aberrantes e agredidos por ditaduras com as quais a Europa se tem mostrado demasiado complacente, o exige. Porque só o respeito pelos princípios fundamentais da democracia permitem a segurança, a estabilidade necessária à mudança, a tolerância, o bem estar. E o estabelecimento de relações internacionais sérias, sólidas e perduráveis.

A personalidade e a coerência da actuação de João Soares, alheio a interesses materiais egoístas, são o garante de que, com ele, não existirão compromissos espúrios e uma nova era poderá começar. Determinação e coragem não lhe faltam.

João Soares é um homem novo, que gosta da acção e está aberto aos novos desafios. Mas tem um passado, experiência de gestão pública e de actuações internacionais orientadas pelo respeito pelos direitos humanos. E em todo o seu percurso, apoiado ou incompreendido, manteve-se sempre, sempre fiel ao PS. Porque o PS é a sua casa, a sua família, o seu rumo.

Por isso estamos aqui, mulheres e homens, de várias gerações e de vários percursos, para o apoiar na eleição para secretário-geral do Partido Socialista,

Viva o PS!  
O PS presente, passado e futuro!  
Viva João Soares!!

*Intervenção na apresentação da Moção em 26 de Agosto de 2004, na sede do Partido Socialista no Largo do Rato*

## TESTEMUNHO DE MARIA BELLO



**Maria Bello**  
Apoiante da Candidatura de João Soares

Estou nesta candidatura desde logo porque já estou nela desde Março, quando se anunciou. É também por isso que nela me mantenho. Identifiquei-me já então com a necessidade de apresentar uma vontade política de mudança para o partido e não me admirei que fosse de João Soares – o único que, no PS, sai à frente dos acontecimentos –, que partisse a iniciativa. Como já me acontecera, continuo a pensar que é o único dirigente capaz de nos aliviar do espírito do guterrismo<sup>1</sup> incrustado no partido. A forma como surgiu a candidatura de Manuel Alegre não garante a ninguém, nem a convicção desta necessidade de mudança, – pelo contrário, os que o apoiam, sendo embora o que de melhor havia no guterrismo, fizeram dele o seu caldo de intervenção, quando não de sobrevivência política e tentaram desesperadamente o infeliz cálculo político de apoiarem a candidatura de A. J. Seguro; nem garante a capacidade de autonomia e de antecipação que qualquer projecto político sério implica.

Isto bastava para testemunhar do meu apoio a João Soares. Mas gostaria de ir mais longe. Não no que diz respeito a Sócrates, a quem nunca equacionaria o meu apoio. É apenas, não um Guterres pequenino – Guterres é um grande político, apesar dos defeitos que do ponto de vista da República são decisivos e é por isso pena que não faça mais nada de si –,

mas como dizia alguém, um guterres de plástico. O único futuro brilhante que se lhe pode antever é ser distribuído nos Happy Meal do Mc Donald. Mais algumas entrevistas tipo revista Expresso e chega lá. Não dá poder, mas dá milhões. Brincadeira à parte, aconteceu-lhe o que aconteceu a vários delfins que, nas mudanças do 25 de Abril o foram demasiado novos: nunca chegaram aonde sem dúvida teriam chegado se, em lugar de endeusados ainda *teenagers*, tivessem conquistado o seu próprio caminho. Assim envelheceram por dentro aos vinte anos.

Mas preciso dizer mais no que respeita a Manuel Alegre e ao próprio João Soares. O percurso político, moral e cultural de ambos não necessita comentários e quem sou eu para os fazer. Manuel A. conduziu toda uma vida com verticalidade, batalha que não foi fácil nos últimos 45 anos, turbulentos q.b. Quantos chegaram aqui? Capaz também de dizer verdades duras do interior do guterrismo com coragem e com poesia a sério. É também, desde os fins de 60, um amigo pessoal, que me soube dizer certas coisas nos momentos certos sem saber se seria ouvido e a quem nunca serei suficientemente grata pelo *Canto e as Armas, A Senhora das Tempestades e Cão como nós*. Tenho também mais alguns grandes amigos pessoais e políticos, desde a mesma época, entre os seus apoiantes. Tudo levaria a crer que seria assim o meu candidato natural. Mas também tudo levaria a crer que seriam meus companheiros políticos naturais: não o são desde 86. As razões deles são diversas, não as enumero aqui, basta-me a constatação. Mas o que não se fez desde há quase vinte anos, não se constrói em quinze dias.<sup>2</sup>

De João Soares, filho de Mário Soares, e que tentava desajeitadamente desembaraçar-se dessa rede quando o conheci, nada me aproximava, sendo eu então um membro reconhecido do ex-secretariado que terei – dizem, eu não creio, ele sabia demais – contribuído para alguns dos cabelos brancos do pai. Foi o seu combate sem tréguas para o direito a uma existência política própria que me levou a prestar alguma atenção. Mesmo que de início fosse só por deformação profissional, mas não foi, isso interessou-me: como é que alguém mata simbolicamente o pai sem o renegar nem deitar fora a sua herança espiritual? Foi um trabalho interior árduo que segui com atenção. Notável, porque o obrigou a uma autonomia progressiva relativamente à família de origem num país onde, por razões culturais isso é especialmente difícil. Para o fazer, o mais fácil, poderia parecer, teria sido dedicar-se a qualquer actividade cívica. Ou cortar o mal pela raiz. Mas arriscava-se a nunca sair verdadeiramente da esfera. É preciso ser especialmente arguto para perceber que só aceitando o seu destino como seu, alguém se faz o seu próprio destino. E que para isso é todos os dias que se tem de estar atento a que não se esteja a falar em nome d'outrem.

João Soares conseguiu isso. Só ele e em parte os seus podem dizer o preço que por isso teve de pagar. Para nós o que conta é o resultado. João Soares é alguém que em política arriscou tudo – e que teve de o fazer para que nada do que lhe foi concedido parecesse sê-lo em nome do pai. Com isso ganhou uma hábito de autonomia política que é hoje uma segunda pele e que sem dar de barato a lealdade ao partido e aos seus dirigentes, se traduziu em actos próprios e sempre inesperados. Em política

interna e, no que é único, em política externa. Não estou a pintar um retrato idílico. Sei o quanto tudo isso fez dele – que é um doce, já tenho idade para dizer o que não se diz –, um homem solitário e com aparência de antipático. O que é muitíssimo incómodo no PS, sobretudo no PS onde não posso deixar de lembrar que os actos de coragem se contam pela ponta dos dedos e em que “dar nas vistas é feio”. Deixou-lhe também uns laivos de sobrançeria que a idade talvez venha a atenuar. Alguns terão razões para não lhe querer tão bem assim. Ele tinha as razões dele e talvez ainda não consiga ver as dos outros. É um político que como líder partidário tem muito para aprender. Terá de quebrar a redoma de cristal e dar a todos os seus espaços, perder alguns dos tiques de quem tinha sobretudo que se defender. Precisa criar calo numa sensibilidade demasiado à flor de pele, porque já não corre risco de se tornar insensível ou de perder o senso ético.

Enfim, o que quero dizer é que o que me interessa no futuro líder do PS é a qualidade humana e política e a sensibilidade aos valores da república e da laicidade. Não preciso que pense como eu. Até porque muitas vezes não penso como João Soares. Por exemplo, nas questões angolanas estou em profundo desacordo, não na forma, mas no conteúdo. Mas reconheço que o percurso do João fez dele um homem político em quem me apraz confiar.

<sup>1</sup> Sobre o que entendo por espírito do guterrismo, cf. artigo em “A Capital”, quatro dias depois do anúncio pelo PR da sua decisão.

<sup>2</sup> Não quero deixar de mencionar como excepções a este desacompanheirismo, Vítor Constâncio e Jorge Sampaio.

# A POLÍTICA NO CONCRETO



**Luís Filipe Madeira**

Apoiante da Candidatura João Soares – Algarve

É recorrente ouvir-se e ler-se que a política, como actividade organizada, caiu em descrédito. Ora se os regimes autoritários podem sobreviver apesar do descrédito, a Democracia vive da confiança que inspira aos cidadãos.

É por isso intolerável que se viabilizem comportamentos que em última análise arrastam a Democracia para o descrédito.

E o Partido Socialista, como força política que tem a obrigação de criar, sustentar e aumentar a confiança dos portugueses no futuro, deve, mais do que qualquer outro, organizar-se e agir em concreto de modo a prevenir situações que comprometam a esperança na solidariedade, na fraternidade e na justiça social.

Para tal terá que acutelar a clareza das convicções em que se funda, a qualidade dos seus porta-vozes e os métodos da sua actuação partidária em cada

situação concreta.

Tudo isto a propósito do actual momento eleitoral do PS.

## A clareza das convicções

É preciso, com convicção, e não apenas por conveniência, tornar clara a confiança no ideal socialista, e rejeitar como reacção e provocatória a ideia de que o Socialismo morreu, como insidiosamente a direita reclama.

O que morreu com a União Soviética não foi o socialismo foi autoritarismo de Estado, exercido por uma nomenclatura ditatorial de partido único. Com a queda da União Soviética, mais do que nunca, está vivo o socialismo protagonizado por Brandt, Kreisky, Palme, Soares, Mitterrand e tantos outros. Todos eles gloriosos estafetas do testemunho socialista, seja ele de raiz utópica ou científica, fabiana ou sindical. A exigência da libertação do homem mantém-se e só o socialismo a poderá realizar.

A falta, ou tibieza, nas convicções é a mãe de todos os pântanos. Como tristemente ficou demonstrado nos casos de Felgueiras e do orçamento limiano.

## Os líderes e os métodos

Temos pois que o PS tem que exigir para a sua liderança um Secretário-Geral de indiscutíveis convicções socialistas, com provas dadas de firmeza de princípios e dedicado ao combate no processo da implantação socialista (no plano económico – social concerteza, mas com igual ou superior empenho no plano ideológico – cultural).

E que na sua actuação tenha a sabedoria do aço, que perante forças adversas opõe flexibilidade dentro dos princípios e face às relações de força em presença. Mas, para além desse limite vai à luta, porque tudo se pode perder menos a dignidade.

Olhando agora em concreto as candidaturas diremos que João Soares, pelo seu passado político, pela sua cultura (e genética) responde plenamente às exigências de convicções, de firmeza, e de tenacidade na luta, e de sageza na avaliação das situações concretas para fixar os limites da flexibilidade da actuação face aos adversários e às contradições do processo histórico. Manuel Alegre igualmente assegura a honradez das convicções e a firmeza na luta, como o demonstra o seu passado heróico, até romântico. Falta-lhe, em meu entender, capacidade executiva. E um guerreiro,

um poeta, um político dos grandes momentos, duvido que seja (penso que não é) um político gestor dos longos momentos de teia (tédio) burocrática que a democracia partidária não dispensa. Eleito Alegre, quem governaria no dia a dia o PS?

José Sócrates tem-se empenhado em demonstrar nas suas frequentes proclamações político-doutrinárias que em matéria de convicções socialistas logo se verá.

Isto é, far-se-á o que for possível, enfim o socialismo já não é o que era. Há a terceira via, a economia (suspeito, até porque não o cita, que ainda não leu Schumpeter), os interesses americanos, a co-incineração. Enfim, grandes problemas de que ele cuidaria conforme as conveniências de momento.

Foi assim que Blair (socialista?) deu cavalaria ao cowboy americano.

Sem ofensa, não resisto a caricaturar, talvez com exagero saírico, a mensagem do José Sócrates: como na canção da Adriana Partimpim: “Avião sem asas, futebol sem bola” e PS sem socialismo.

De resto seria para fazer o perfeito equilíbrio ao centro com um PSD sem social-democracia.

João Soares, pois com confiança por Portugal e pelo socialismo.

# SERÁ QUE O PS É UM GIGANTE ADORMECIDO?



**Miguel Reis**

A grande dúvida que a eleições do secretário-geral do PS suscitam é a de saber se o partido é já um partido morto (uma espécie de fantasma em que as pessoas votam, porque lhes marcou as famílias e o passado recente) ou se é um gigante adormecido.

Muitos cidadãos activos – gente que gosta de debater política, de participar, de filosofar sobre o nosso destino colectivo – inscreveram-se no PS nos anos 70 e 80 e não responderam ao pedido de reafirmação de 2002 porque entenderam que não valia a pena, tal era o estado a que o PS chegara. A resultante dessa atitude está patente no estudo agora publicado, segundo o qual a maioria dos militantes (69%) aderiu ao partido depois de 1990, sobretudo depois dos Estados Gerais.

Critiquei essa manobra política como uma operação oportunística adequada a afastar os militantes adormecidos, como forma de mudar a História e renumerar a clique dos cristãos novos. Melhor teriam feito os dirigentes se, em vez de tentar construir a ideia de que António Guterres refundou o Partido, assumissem as suas obrigações de o reactivar e chamassem os “adormecidos” ao debate político. É certo que houve algumas promessas – nomeadamente nos Estados Gerais – de abrir o partido à sociedade. Mas o que assistimos foi ao seu fechamento, em torno de cliques de interesses, mais ou menos localizadas e todas com o mesmo sentido – o do aproveitamento da marca do partido para os negócios e o tráfico de influências.

As secções, que já funcionavam com reduzida actividade, fecharam ou transformaram-se em tabernas, os debates, cada vez mais raros, transformaram-se em monólogos, convocados de tempos a tempos por uma carta ou por um anúncio de jornal e sem um ambiente adequado ao debate político aberto. O PS visível – aquele que aparece na comunicação

social, porque não há outro, passou a corresponder a uma reduzida clique de dirigentes, muitos deles sem a mínima qualidade intelectual mas com um imenso poder, que lhes advém do controlo das estruturas administrativas.

Passou a ser muito incómodo ser militante do PS, sobretudo quando o cartão tem um número que foi artificialmente reduzido para quase dez vezes menos e quando se continua a acreditar nalguns princípios como estruturantes da sociedade democrática.

Portugal é, segundo o Relatório Sobre as Novas Tecnologias e Desenvolvimento Humano, publicado anualmente pelo PNUD, o país mais corrupto da União Europeia. Todos nós sabemos porquê e todos nós sabemos como podemos reduzir, de forma substancial, os níveis da corrupção.

Assistimos, com uma desagradável frequência, à revelação de escândalos nas autarquias, sem que haja a coragem cívica de os trazer para o debate partidário e de os esclarecer até ao último pormenor. Dão-nos os jornais informações de incriveis negociações, envolvendo bens públicos e pessoas públicas. E mesmo que no centro estejam apenas, aparentemente, pessoas ligadas ao poder, é um tabu discuti-las ou tentar esclarecê-las, naquele jeito de quem tem telhados de vidro não deve atirar a primeira pedra.

Há omissões de crítica relativamente a medidas legislativas e regulamentares que ofendem, de forma gravíssima, o que Partido sempre defendeu, como se algo estivesse negociado para que esse silêncio se fizesse.

Há situações tão escandalosas como a de ver o presidente socialista de uma comissão parlamentar faltar às reuniões durante seis meses, facilitando objectivamente o trabalho dos representantes do governo, como se estivesse à espera de um prémio, que, afinal, parece que já chegou. E sobre tudo isto se guarda o mais veemente silêncio.

Quando um escândalo chega à Justiça, remete-se tudo para os tribunais e para as televisões, matando-se à partida qualquer debate político, com um mínimo de seriedade e rigor sobre a questão. Tenho para mim que a eliminação da corrupção

passa, essencialmente, pela modificação da prática dos partidos políticos. A melhor garantia da seriedade nos negócios públicos haveria de ser alcançada com a institucionalização do livre debate nas organizações partidárias.

Estabelece a Constituição que “a participação directa e activa de homens e mulheres na vida política constitui condição e instrumento fundamental de consolidação do sistema democrático” (artº 109º). Os partidos políticos não esgotam, naturalmente, os espaços de tal participação, mas são os que, num quadro democrático como o nosso maior vocação têm para ela.

Mas para isso é essencial que os partidos funcionem efectivamente, sejam abertos, sejam espaços de reflexão e de crítica dos projectos e das políticas, bem como de observação e de questionamento do comportamento dos agentes políticos.

Parece que esta concepção é hoje considerada ultrapassada e que deixou de ser um padrão de referência para a chamada “nova geração”, a desta gente que aparece de um dia para o outro, não se sabe de onde nem com que ideias, para tomar posse de um lugar qualquer.

Ao contrário do que alguns têm afirmado, a “necessidade de uma alternativa” não decorre do desinteresse dos militantes na participação política. Só não se debate política, de forma continua e aberta no Partido Socialista porque os seus dirigentes o fecharam aos próprios militantes.

É certo que há muitos camaradas que não podem dizer isto, porque dependem dos líderes do aparelho no que toca ao emprego ou no que toca aos projectos. E o aparelho é implacável.

Mas também é certo que o voto é secreto e que há milhares e milhares de militantes interessados no debate político e não dependentes de qualquer favor ou de qualquer negócio que passe pelo partido ou pela política.

Talvez essa gente acorde agora e perceba que tem uma oportunidade única de voltar a debater e a questionar políticas dentro do Partido Socialista. Por isso me parece que a eleição de José Sócrates

– já dada como adquirida – não são favas contadas, como afirmam os jornais.

Não lhe conhecemos quaisquer ideias programáticas, para além de umas vaguidades e de uma política da água e do ambiente mais do que controversa que, como estava previsto, serviu de ignição ao escandaloso quadro de negociações que aí temos em projecto com este governo. Só faltou lançar os alicerces da privatização do ar.

No que toca ao funcionamento do partido, é um clone, em mau vernáculo do Engº Guterres e, por isso, estamos falados.

Parece-me que, na perspectiva que me interessa a mim próprio e a milhares de outros militantes, o melhor candidato, no quadro da actual crise, é João Soares.

Em primeiro lugar porque nunca capitulou perante os obstáculos criados ao debate político. Desde 1974 que o conheço a mobilizar pessoas, a organizar reuniões, a promover discussões temáticas, muitas vezes qualificadas de conspirativas pelos adeptos do marasmo.

Em segundo lugar porque não está preocupado com o “centro” onde há-de pescar votos, valorizando a política pela política em vez de valorizar o marketing. Em terceiro lugar porque nunca, em nenhuma circunstância, se registou um simples indicio de que misturava a coisa pública com os interesses privados, embora tivesse condições privilegiadíssimas para o fazer.

Estimo muito Manuel Alegre e penso que ele está a dar um contributo muito importante para este importante debate. Penso que ele daria um excelente presidente do partido, numa fase que, sejam quais forem os resultados, vem ser muito difícil, carecendo de um moderador com a autoridade ética e política de que Alegre dispõe.

Por tudo isso penso que Alegre é, também, o melhor candidato da esquerda à Presidência da República. Tudo dependerá de saber o que é, afinal, o PS. Um partido dominado por um aparelho poderosíssimo que viola as próprias consciências dos seus militantes, um partido de militantes acéfalos – incultos, de meia idade e da classe média – ou um partido de cidadãos activos, meio adormecidos, mas que podem acordar nestas eleições.

# CONSCIÊNCIA PS



**Marco António  
Baptista Martins**

O Partido Socialista, tal como o nosso país, vive hoje momentos conturbados. Até agora, a campanha das eleições internas para Secretário-Geral do Partido Socialista, tem vindo a ser apresentada como se se estivesse com um único candidato, já eleito, o auto-definido “animal-feroz”, José Sócrates. Na minha opinião, apesar da existência de três candidatos à liderança, sendo eles, João Soares, José Sócrates e Manuel Alegre, o “aparelho” do Partido Socialista quis transmitir para a opinião pública uma outra realidade que certas complicitades mediáticas aparentemente inexplicáveis (ou não?) tornaram na “realidade” virtual que temos todos os dias perante os nossos olhos.

Caso os candidatos João Soares e Manuel Alegre não se batessem veementemente para contrariar a força aparelhística concentrada em torno de Sócrates, o PS teria entrado numa situação de

ausência democrática, em que as “eleições” internas não fariam sentido. Mas, a realidade não virtual é outra coisa, como aliás a recente sondagem do Expresso torna claro. Muito provavelmente haverá uma segunda volta nestas eleições para Secretário-Geral do Partido Socialista. É como é sabido as segundas voltas têm na nossa terra surpresas saborosas.

Convém referir que a Direita e os seus comentadores mais qualificados parecem ter uma certa apetência por Sócrates. Mas, qual a razão? É por ser o candidato melhor colocado para derrotar Pedro Santana Lopes e sua Coligação nas próximas eleições? É por mera conveniência eleitoral? Ou então, será porque a Direita precisa desse adversário? A resposta para mim centra-se neste último ponto. A Direita quer Sócrates como adversário.

Efectivamente, olhando para uma perspectiva das próximas eleições legislativas, José Sócrates não se encontra melhor posicionado para disputá-las, caso o Partido Socialista pretenda retomar o poder e o rumo de Portugal. A principal razão que na minha opinião poderemos evocar, é a fragilidade em termos de conteúdo do seu discurso e a total ausência de um programa específico para o Partido Socialista e para o país, a não ser o chamado

“choque tecnológico” com o qual estamos todos de acordo, mas que de *per si* se revela claramente insuficiente.

Sublinho que, de entre os candidatos a Secretário-Geral, João Soares é aquele que se apresenta como o único capaz de pôr em prática medidas para pôr termo à situação de crise política, económica e social dramática a que Portugal chegou após dois anos e meio de governo de Coligação de Direita. Porque se apresenta com uma vasta obra feita na qualidade de Presidente da Câmara de Lisboa, que está à vista de todos. E também por manter, desde sempre, um discurso coerente, sincero e transparente apostado na renovação do Partido Socialista e no combate ao situacionismo.

Dai que para a chamada Direita, este adversário não seja de todo conveniente. Estarão José Sócrates e seus apoiantes a apostar na eleição? Ou estão simplesmente conscientes quanto ao significado da eleição e sua repercussão política em nome de uma suposta *esquerda moderna*? Não sejamos inocentes, não há almoços grátis.

Esta *esquerda moderna* não pode nem deve ser qualificada de esquerda, por representar uma área cinzenta que pretende visar um eleitorado indeciso entre ser de esquerda ou de direita. Assim,

apresenta-se como moderna para conquistar o eleitorado de uma *direita de esquerda* ou *direita moderna*, transparecendo uma ideia de regresso ao pior do gutierrezismo.

Como tal, esta afirmação parece não ter sentido na actual correlação de forças políticas em Portugal. Ou somos de esquerda ou de direita, não devemos ter o receio de assumir as nossas convicções sob pena de fazer ressurgir um sentimento de medo junto dos portugueses. Medo de perder o emprego, medo de apoiar determinado candidato, medo de não obter um cargo em troca, eis alguns dos medos que por aí andam. Como aliás têm por várias formas afirmado quer João Soares quer o próprio Manuel Alegre. Por todos estes motivos, João Soares defende mais coerência (é um homem de Esquerda, sempre foi), mais acção (realizou obra em Lisboa, quer realizar obra em Portugal), mais participação (quer dar voz aos militantes), mais democracia (quer combater o neoliberalismo) e mais PS (quer valorizar todos os votos por igual), assumindo uma posição claramente socialista e reforçando o que nos une. Portanto, tendo em consideração estes factores, penso que os militantes do Partido Socialista devem convergir no apoio a João Soares, até para impedir que a vontade da Direita se concretize.

## SOARES: A CANDIDATURA QUE VAI «MEXER CONSIGO»!



**Duarte Lynce de Faria**  
Membro da Assembleia  
Municipal de Alcácer do Sal

Vive-se hoje um momento decisivo da política portuguesa em que, contudo e em alguns sectores importantes e influentes da nossa sociedade, se teima em não se discutir ideias, estratégias ou perfis políticos.

No Mundo da tão propalada «globalização», os «arranjos à medida» parecem ser os «pratos fortes» de uma sociedade, ela própria, tendencialmente geradora «da medida de alguns», a começar nos tradicionais «franchisings» e nos «produtos à medida» oferecidos aos clientes no mundo empresarial.

No limite, as últimas eleições presidenciais americanas são disso um claro exemplo: não há dúvidas em afirmar o melhor desempenho de Al Gore, prospectivo e mesmo durante a campanha, o que não impediu que Bush ganhasse, com os rocambolescos episódios da Flórida e com o *lobby* da recusa da aplicação do Protocolo de Kyoto sobre alterações climáticas (e que é, apenas, uma «mezinha» na grave doença ambiental do Planeta). Hoje, talvez se deva reflectir sobre as causas, fundamentos e métodos para a ascensão à presidência G.W. Bush no país do «Tio Sam» e torná-la um marco inelutável da sociedade actual, não só pelas consequências internas e externas mas, em especial, pela forma despiciente e superficial com que é rotulada nas suas decisões. Não fosse o funesto episódio do 11 de Setembro e os efeitos políticos seriam, por certo, mais devastadores ainda para a Administração Bush. Não se vive, na verdade, um espaço de «liberdade» pela qual muitos se habituaram a lutar, pela simples razão que a desproporção de meios é enorme a tal ponto que já se vulgarizou a ideia segundo a qual são os Governos que perdem as eleições e não as Oposições que as ganham...

É esta uma das razões pela qual as sociedades ocidentais – e a portuguesa, em particular – estão a afastar os eleitores das urnas. Ou seja, quanto mais o afastamento dos eleitores, mais a tentação de se criarem directórios de

interesses (mais ou menos assumidos) – transversais e por vezes que abocanham os próprios partidos políticos, convenha-se – e dirigir os destinos que só ao povo pertencem.

Evita-se, assim, que eles próprios – pretensos actores de uma vida política que nada tem de transparente – carreguem com os riscos e os ónus de uma ida às urnas, nem sempre agradavelmente vitoriosa.

Nem os referendos têm servido de refrescamento democrático: a baixíssima participação do eleitorado demonstrar uma falta de debate e de sensibilização pública para as questões a referendar e, ainda assim, são os próprios poderes públicos, por vezes, a menorizarem o papel do referendo.

Acima de tudo, a mudança política tem de passar pela maior participação democrática de um eleitorado descrente, desconfiado e, muitas vezes, sem vontade de continuar a lutar por causas em que se sente desconfortavelmente minimizado.

E, para a mobilização do eleitorado, tem faltado coragem, seriedade, transparência e solidariedade. A coragem, em democracia, tem o seu ponto alto na ida às urnas: seja a nível autárquico, comunitário ou nacional, os «cabeças-de-lista» sabem bem as pressões e as vivências com que se fazem estes momentos indecíveis e, por vezes, trágicos, como aconteceu nas últimas eleições europeias.

A seriedade é o que, na generalidade, o povo português não reconhece à classe política: porque durante o mandato e sem qualquer explicação plausível, os políticos não cumprem o que consta dos seus programas eleitorais, tendo até o descaramento de substituírem «choques fiscais» por «choques de IVA»... e de «alta tensão»!

Para o bem e para o mal, para a auréola da seriedade contribui, muito, a obra feita e não apenas um mero leque de intenções, porque, tal como diz o povo e que se habituou a desconfiar dos políticos, «palavras leva-as o vento»...

A transparência exige que os métodos sejam conhecidos antes das tomadas de decisão ou, pelo menos, que prevaleçam critérios de isenção e de rigor nas decisões, prevalecendo sempre o superior interesse público, de entre as tecnicamente possíveis. Por exemplo, os critérios de responsabilização política e jurídica do Estado (e dos que actuam em seu nome) necessitam de uma reforma por inteiro, não podendo existir vazios de

responsabilidade na actuação da coisa pública. Finalmente, a solidariedade é um vector que, também, só se conhece quando algo «não corre bem»: ser solidário é ser dador sem ser credor, é dar sem receber, é ser amigo sem esperar nada em troca. Mas, por outro lado e em boa parte, as questões nacionais jogam-se, hoje, nos areópagos internacionais. Torna-se necessário conhecer os seus dossiers e os mecanismos internacionais, os seus actores, partilhar com eles uma história «comum» (nem que seja na divergência) pois só dessa forma o respeito institucional se associa à seriedade diplomática o que virá a beneficiar, pela sua credibilidade acrescida, o país da nacionalidade do estadista.

Uma questão nacional que ultrapassa as nossas fronteiras liga-se ao Mar: sempre se disse que o Mar para os Portugueses (contrariamente a outros povos) constituiu um veículo privilegiado de aproximação de culturas e de Continentes. A Europa é, apenas, um dos «braços» de Portugal que, por sua vez, busca o seu «outro braço» no Atlântico – designadamente, no Atlântico Sul.

Para o nosso país, os Oceanos terão que, no futuro, ser a base de uma estratégia que (re)lance o nosso país numa dinâmica nova (mas que bem conhece, pela sua cultura secular) e que lhe permita, com todo o mérito, interagir na Comunidade Internacional e no espaço lusófono – impõe-se uma ligação substancial à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) – sobretudo, nas ligações transatlânticas e com os países do Mercosul e da África Sub-Sahariana – em que a ligação portuguesa pode ser um veículo a considerar e a estimular.

Passando todos estes tópicos e qualificativos de relance, é mister considerar o percurso do Dr. João Soares como significativo: com a sobriedade de quem sempre dedicou o seu melhor à causa pública, designadamente, enquanto Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, não lhe falta em coragem, transparência, seriedade e solidariedade, que já não são, infelizmente, atributos comumente praticados. E são, por certo, estes que poderão fazer os eleitores voltar às urnas.

Mas, mais do que tudo, as suas ligações europeia e, sobretudo, atlântica podem projectar Portugal no Mundo numa nova base de solidariedade e de desenvolvimento com os países lusófonos e, em

geral, com uma matriz de equilíbrio contraposta a alguma visão fechada da Europa.

Como exemplo, a intervenção militar portuguesa no Iraque sempre se pautou por uma duvidosa legalidade internacional tanto mais que, estrategicamente, Portugal deve procurar seguir uma via Europeia própria, em diálogo com os Estados Unidos e não o contrário – como veio a acontecer – sendo despendendo, por agora, o próprio episódio do *catering* das Lajes.

O reforço simultaneamente europeu e lusófono nas relações internacionais têm no Dr. João Soares um protagonista com provas dadas na Europa (no Parlamento Europeu e no Comité das Regiões, entre outros) e nos Mundos Lusófono e Iberoamericano (designadamente, na União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa e na União das Cidades Capitais Iberoamericanas), sendo, por isso, um profundo conhecedor dos areópagos internacionais.

Arriscaria a dizer que a discussão de ideias e a sua matriz solidária enformam a coesão da sua própria candidatura: despojada de preconceitos mas viva nos intentos, coerente nos propósitos e ágil na procura das melhores soluções, na melhor tradição de uma esquerda renovada mas fiel à razão da sua existência e que reserva para a juventude um papel de mobilização nos caminhos do futuro.

Em nosso entender, o próprio privilégio da conquista do chamado «eleitorado do centro» como meta – que é, de resto, discutível – não se consegue, hoje, com políticas e com estilos miméticos ou clonados mas, ao invés, com valores da diferença que possam cativar o eleitorado para os valores da solidariedade e da justiça social. É o valor da diferença e, simultaneamente, da tolerância e da solidariedade.

A importância para este debate de ideias no PS não é, assim, pelo que se fez... mas ainda pelo que não se fez. Por isso, a eleição de Secretário-Geral por eleição directa é, inegavelmente, uma conquista do PS e da própria sociedade!

A coerência impele, também, para que as eleições se façam com serenidade, com respeito e com o debate de ideias necessário, sendo certo que os verdadeiros adversários políticos ainda não estão «em palco». E este aspecto deve sempre ser um pressuposto para se reforçar o futuro do próprio PS. Revisitos os pontos, a candidatura de João Soares vai, com certeza, «mexer consigo»!

# DECLARAÇÃO DE CANDIDATURA DE JOSÉ SÓCRATES A SECRETÁRIO-GERAL DO PARTIDO SOCIALISTA

## Decidi candidatar-me à liderança do Partido Socialista.

Como sucedeu com todos aqueles que já exerceram esta função no PS, **o que me anima neste momento é a vontade de servir Portugal.**

Quero deixar uma palavra especial de reconhecimento ao anterior Secretário-Geral, Ferro Rodrigues, a quem o partido e o País ficam a dever um exemplo de firmeza política e de coragem moral absolutamente invulgares.

Agora é tempo de olhar em frente.

**O País precisa do PS. Precisa de um PS forte, de um PS capaz, de um PS ambicioso.** O País precisa de um PS que esteja à altura do seu tempo.

Estou bem consciente do descontentamento, do desânimo e do vazio estratégico que marcam a vida social e política do nosso País. Estes últimos dois anos de governação foram maus demais para Portugal e o que se anuncia não é melhor. Por isso não pode haver nenhum equívoco: considero que **a principal tarefa do Partido Socialista é afirmar-se como uma credível alternativa política.**

**Devemos ser uma oposição enérgica e combativa. É isso que os portugueses esperam de nós. Mas à crítica devemos somar a proposta. Como alternativa, faremos sempre melhor oposição.**

A prioridade para o PS deve ser, portanto, apresentar-se com um projecto político que responda aos problemas das pessoas, que seja mobilizador do País e que seja capaz de restaurar a confiança dos portugueses.

O nosso designio deve ser a promoção de um impulso modernizador em Portugal, feito com consciência e com sensibilidade social. Desenvolver e crescer, mas com elevada protecção social. Este é o modelo em que sempre acreditámos.

**É preciso que os objectivos centrais da política económica voltem a ser crescimento e emprego.** A consolidação estrutural das finanças públicas, sendo concertiza muito importante, não deixa de ser apenas um instrumento ao serviço do que é realmente decisivo: conduzir o crescimento da economia portuguesa para os melhores níveis europeus e promover um clima de oportunidades que combata o desemprego e a exclusão, que infelizmente regressaram à ordem do dia.

**A ambição do PS deve ser também a de propôr uma nova geração de políticas sociais,** baseadas na equidade e na sustentabilidade. No fundo, **o País precisa de políticas sociais capazes de responder aos novos problemas que as pessoas e as famílias hoje têm, sem deixar de salvaguardar agora aquilo que são os direitos sociais futuros.**



É preciso deixar claro que **o PS não se resigna à tentativa de diminuir e desprestigiar tudo o que é público na sociedade portuguesa.** Nem tudo pode estar entregue aos interesses individuais e ao mercado. A esfera pública é fundamental para a boa sociedade, uma sociedade mais próspera, com mais justiça e com mais igualdade. E a defesa da esfera pública não se resume à necessária aposta na qualificação dos serviços públicos e à recusa firme da sua degradação, mas também – e talvez principalmente – na defesa do espaço público, visto como um campo de interesses comuns, de valores partilhados, de causas de interesse colectivo que unem e que dão sentido à comunidade nacional e que, afinal, nenhuma “mão invisível” pode substituir.

**Mas a responsabilidade do PS é também a de dar uma nova prioridade política aos temas da modernidade, que vá ao encontro da sensibilidade das novas gerações.**

A política de ambiente tem que ser valorizada, ao serviço da qualidade de vida dos portugueses. A defesa do consumidor deve ganhar uma nova expressão na nossa economia e na nossa sociedade, de modo a termos um mercado leal, justo e respeitador do interesse de todos. O conhecimento, que é essencial para o nosso futuro, deve ser um elemento inspirador do nosso programa político, quer seja na dimensão científica e tecnológica, quer seja na dimensão da qualificação das pessoas.

**Mas há uma outra agenda vital para o futuro do PS e que se resume em duas**

**palavras: renovação e abertura.** Isto tem que ser feito. Só assim o PS estará à altura das suas responsabilidades e da expectativa dos portugueses.

**O meu desejo é evitar o funcionamento do partido em “circuito fechado”. Se merecer a confiança dos socialistas, trabalharei para a unidade, como é meu dever. Mas recusarei a tentação do unanimismo.** Os que me conhecem sabem que valorizo a diversidade, a pluralidade e a diferença, que são a marca e o espírito do PS

**Aposto numa renovação do PS, que envolve naturalmente renovação de quadros, mas que tem sobretudo que ver com o seu modo de funcionamento e com o modo de comunicar com as pessoas.**

Mas, porventura, **o maior desafio do PS** é a abertura. Abertura, desde logo, às novas ideias. O PS sempre foi um partido exigente com o pensamento. Sempre foi ambicioso na procura de novas respostas e de novas soluções. Esta atitude de abertura intelectual é a melhor forma de qualificarmos o debate interno e de honrarmos um dos mais importantes traços da história do Partido Socialista.

Abertura também à sociedade. **O PS deve empenhar-se em atrair à participação os jovens, as novas gerações de universitários, os quadros e agentes económicos, cativar os melhores e restabelecer as pontes com os sectores mais dinâmicos da sociedade portuguesa.**

Se é o projecto que congrega, é a abertura que gera movimento. Foi essa a lição dos Estados Gerais que nos conduziram à vitória em 95. É esse espírito que desejo promover na acção política do PS.

**Alternativa, renovação, abertura. Estas são as palavras-chave. O PS poderá assim afirmar-se como o partido da esquerda moderna em Portugal. Um partido à altura da sua história, fiel ao seu património, orgulhoso do seu passado mas que fita o futuro. E fita o futuro com confiança.**

Conheço as dificuldades do caminho e parto inspirado pelo exemplo dos anteriores secretários-gerais. Conheço a história do PS e assumo-a por inteiro. No bom e no menos bom que teve – e na qual, aliás, também participei.

Parto também confiante. O PS nunca temeu o debate livre e transparente. Tenho a certeza que todos os candidatos contribuirão para um Congresso clarificador, que valorizará o PS aos olhos dos portugueses.

**Nesta fase de escolhas, o PS está em boas mãos. Não está nas mãos nem de barões, nem de caciques, nem de sindicatos de votos. Está nas mãos daqueles que realmente contam: os militantes do Partido Socialista. É a esses que me dirigo neste momento: aqui estou para lutar com alegria pela vitória do PS.**

José Sócrates  
15 de Julho de 2004

# DEPOIMENTOS DE APOIO



## António Campos

Apoio, o Camarada José Sócrates porque acredito que é um político capaz de acompanhar a mudança do mundo...

Apoio, o Camarada José Sócrates porque acredito que é um político capaz de acompanhar a mudança do mundo e de ajudar a reinventar uma esquerda moderna e solidária com as pessoas os povos e as regiões.



## António Costa

Devemos evitar neste novo ciclo repetir as lutas fratricidas que dilaceraram o partido em anos anteriores. Devemos, por isso, com espírito de unidade e humildade, procurar identificar aquele que está nas melhores condições de unir o partido e contribuir para a sua afirmação na sociedade. O José Sócrates é quem está nas melhores condições para o fazer. E está por mérito próprio.

Não só por ser um bom comunicador, o que, entendamo-nos, é uma qualidade essencial numa sociedade democrática em que se pretende uma cidadania activa. Sobretudo, pela capacidade que revelou na formulação de políticas e pela determinação com que as implementou, enfrentando com coragem interesses económicos, no ambiente ou na defesa do consumidor, tabus, na descriminalização do consumo, ou pressões populistas, na co-incineração.

Também na oposição, nos momentos muito difíceis que tivemos de enfrentar nestes últimos dois anos, revelou sempre combatividade e espírito solidário. No Parlamento, na televisão, em todas as frentes do combate político.

Estive com o José Sócrates estes dois anos na primeira linha de um combate político duríssimo que travámos sob a liderança de Eduardo Ferro Rodrigues. Continuarei a seu lado neste novo ciclo do mesmo combate.



## Edite Estrela

Apoio José Sócrates pelo que ele é e pelo que ele representa. E porque estou convencida de que, pelas suas excepcionais qualidades humanas e políticas, ele é o líder de que o PS e o País precisam.

No Governo, demonstrou uma invulgar capacidade de decisão e iniciativa. Ninguém como ele enfrentou "lobbies" e combateu interesses instalados.

A ele se devem o programa "Polis" e o "Euro 2004". Ele é reconhecido como um dos melhores ministros do governo de António Guterres.

Pai exemplar e bom amigo, determinado e culto, inteligente e idealista, José Sócrates representa a esquerda moderna e progressista em que as novas gerações se revêm.



## Jorge Coelho

Defendo hoje, como sempre, um PS firme nos seus princípios e nos seus valores, tolerante no exercício da cidadania e solidário interno e externamente, ou seja, um PS que defenda o Socialismo Democrático.

O eng.º José Sócrates com a sua formação e o seu currículo, com a sua determinação com a sua capacidade de lideranças é o socialista com melhores condições para liderar um projecto ganhador que faça de Portugal um país mais moderno, mais solidário, mais justo, mais humano e mais europeísta.

Por todo isto, porque, como todos os socialista, acho que chegou a hora de derrotar a direita neoliberal que governa o país e de afirmar o PS, por si só, com os seus valores e os seus princípios de sempre, mas na óptica do futuro, apoio com convicção e empenho o eng.º José Sócrates para secretário geral do PS e candidato a Primeiro-ministro de Portugal.

Os socialistas querem ganhar e com o eng.º José Sócrates como líder do PS, vão ganhar.



## António Vitorino

Ao declarar o meu apoio à candidatura de José Sócrates a Secretário-Geral do PS exprimo um inequívoco voto de confiança nas suas qualidades...

Ao declarar o meu apoio à candidatura de José Sócrates a Secretário-Geral do PS exprimo um inequívoco voto de confiança nas suas qualidades humanas e políticas enquanto protagonista de um projecto de abertura e renovação do PS, de clarificação das propostas do socialismo democrático adaptadas a um mundo globalizado na fidelidade aos nossos valores históricos de solidariedade, igualdade de oportunidades, paz e respeito pela diversidade.



## Jaime Gama

A sua candidatura dá força ao PS, a um PS unido pelos valores da esquerda democrática e da esquerda moderna... José Sócrates reúne todas as condições para recolocar o PS na posição de vencedor. Soube fazê-lo no Governo e,

antes disso, na liderança da sua Federação Distrital. Soube também fazê-lo no debate político nacional, contra a direita, em nome de um Portugal mais eficiente e mais justo.

A sua candidatura dá força ao PS, a um PS unido pelos valores da esquerda democrática e da esquerda moderna, a um PS verdadeiramente ao serviço do País e da construção europeia.



## Carlos César

Na tradição do PS, as pessoas do partido são menos importantes que o partido das pessoas. Por isso mesmo, a renovação, também no sentido geracional, é indispensável à actualização referencial do partido na sociedade portuguesa. José Sócrates sintetiza esse impulso e, ao mesmo tempo, retira à esquerda a sua aparência imobilizadora ou fantasista. Por outras palavras, não promete apenas oposição. É a esquerda útil para governar. A esquerda que não soçobra no momento da decisão. É claro que o País precisa de um PS assim.



## Sérgio Sousa Pinto

Apoio José Sócrates porque acredito ser ele o socialista mais bem colocado para travar um combate vencedor com a actual direita que governa o país. Sócrates reúne as melhores condições pessoais e políticas para derrotar a

direita e travar a descaracterização em curso do Estado Social português e impedir o desmantelamento de serviços públicos essenciais, sem os quais teremos um futuro marcado pela injustiça, pela regressão social e pelo desbaratamento das riquezas e potencialidades do país. Apoio Sócrates contra a crescente opacidade das relações entre o Poder e os grandes interesses - mal endémico da sociedade portuguesa. Apoio Sócrates, enfim, porque tenho confiança no futuro do PS.

[www.josesocrates.com](http://www.josesocrates.com)

confira na internet

## AGENDA DE CAMPANHA

### 9 de Setembro, Beja, 21 h

Sessão de esclarecimento na Biblioteca Municipal

### 10 de Setembro, Coimbra, 20 h

Jantar de militantes no Pavilhão dos Olivais

### 11 de Setembro, Setúbal

13 h - Almoço com militantes, no restaurante Manuela Borges, no Barreiro (S. António)

21 h - Sessão de esclarecimento no auditório da Junta de Freguesia da Charneca de Caparica

### 12 de Setembro, Faro

13 h - Almoço com militantes em Vila Real de S. António, no restaurante "O Coração da Cidade"

17 h - Sessão de esclarecimento na Escola Superior de Hotelaria e Turismo em Faro

### 13 de Setembro, Bragança, 21 h

Sessão de esclarecimento com militantes no auditório Paulo Quintela, em Bragança

### 14 de Setembro, Guarda

16h30 - Visita à Escola Superior de Turismo de Seia

17 h - Visita a investimentos do município da Guarda

20 h - Jantar com militantes no restaurante "Pombeira", na Guarda

### 15 de Setembro, Lisboa

19 h - Encontro com militantes no pavilhão polivalente em Odivelas

21h30 - Sessão de esclarecimento no antigo cinema dos bombeiros em Loures

### 16 de Setembro, quinta-feira - Leiria

13 h - Almoço com dirigentes do Sul do distrito de Leiria, nas Caldas da Rainha

16 h - Visita ao Centimpe, na Marinha Grande

21 h - Sessão de esclarecimento no auditório do Instituto Português da Juventude (IPJ)

### 17 de Setembro, sexta-feira Castelo Branco - 20 h

Jantar com militantes, na Covilhã, no pavilhão da ANIL

Esquerda  
Moderna  
José Sócrates



# UMA INDISPENSÁVEL CLARIFICAÇÃO



**José Sócrates**

in Diário de Notícias  
04-08-2004

A preparação do Congresso do Partido Socialista deve ser, como o País espera, um verdadeiro e salutar debate de ideias. Mantenho-me fiel ao princípio de não contribuir para alimentar despropositados incidentes e suspeições. Resistirei mesmo às observações dos que se apresentam contra todos os monopólios mas pretendem reservar para si o monopólio dos princípios. Não vou por aí. Estou bem ciente da responsabilidade de conduzir esta campanha com elevação e superioridade política.

Concentremo-nos, pois, no debate das ideias e da estratégia política. Conhecidas que são as declarações dos três candidatos a secretário-geral, já é possível identificar alguns dos temas em torno dos quais se deverá centrar o debate interno até ao Congresso de Outubro.

Antes, porém, e não obstante as diferenças ao nível da retórica, importa registar uma ampla e positiva zona de convergência entre as três candidaturas, que pode ser resumida em três pontos essenciais. Desde logo, a defesa de um Congresso clarificador, sem falsos unanimismos e a necessidade de uma dinâmica de renovação e de abertura do PS., com recuperação do espírito dos Estados Gerais, tendo em vista a preparação de uma alternativa política. Depois, a proposta de uma oposição forte, fundada numa leitura crítica, largamente partilhada, da governação da direita nos últimos dois anos, bem como na recusa da desvalorização da esfera pública e dos próprios serviços públicos. Finalmente, e apesar das diferentes formulações, a afirmação da necessidade de uma modernização das propostas do socialismo democrático.

Todavia, a bem do debate, é preciso também identificar as ideias políticas verdadeiramente contrastantes. É em torno delas que importa fazer uma discussão clarificadora. Estão colocadas pelo menos seis questões políticas que importa discutir: a questão estratégica de saber a quem se deve dirigir o Partido Socialista; a avaliação da evolução do socialismo democrático e o julgamento dos governos do PS.; o conteúdo da alternativa política do PS., designadamente em matéria económica; o candidato a Primeiro-Ministro; a política de alianças e as presidenciais.

1. A primeira questão é estratégica e é fundamental para o futuro do PS.. Respeita à existência de destinatários preferenciais da mensagem do Partido Socialista. Manuel Alegre, reagindo ao que apelida de "tentações centristas", veio defender que o Partido Socialista se devia dirigir prioritariamente "aos seus", que enumerou como os trabalhadores, os jovens, os reformados, os desfavorecidos, as classes médias empobrecidas e as vítimas das políticas de direita. A ideia proposta é que o PS. consolide o apoio desses destinatários preferenciais, de modo a constituir uma "dinâmica de vitória" que, segundo ele, acabaria por arrastar o centro. Permito-me discordar. Não quero um PS. que ressuscite uma espécie de "lógica de classe", ainda que "revista e actualizada". Concerteza que o Partido Socialista aspira a uma sociedade menos desigualitária e que a nossa sensibilidade social é uma resposta para os que mais precisam. Mas quando proponho a abertura do PS. e falo de uma esquerda moderna é também para que a visão estreita dos que ainda pensam que o PS. deve falar sobretudo para os "seus" não continue, de facto, a cometer o erro político estratégico de oferecer à direita e ao Bloco de

Esquerda os "outros", da juventude às classes médias em geral, dos quadros e agentes económicos às novas gerações de universitários. Proponho, pelo contrário, um PS. que fale para todos os portugueses e saiba restabelecer as pontes com os sectores mais dinâmicos da sociedade portuguesa.

2. A segunda questão, mais ideológica, resulta da avaliação profundamente negativa que Manuel Alegre faz de todos os governos europeus do socialismo democrático desde a queda do muro de Berlim, com excepção dos governos nórdicos (cujo modelo, aliás, eu tinha também apontado na semana anterior). A candidatura de Manuel Alegre parte mesmo da convicção de que o socialismo democrático teria cedido à "tentação do centrismo" a ponto de se descaracterizar na procura de alternativas ao neoliberalismo, acabando por não consubstanciar mais do que um "neo-rotativismo" com dependência do "bloco central dos interesses". Estas ideias políticas da candidatura de Manuel Alegre merecem ser discutidas. Não se limitam a criticar a chamada "terceira via" de Tony Blair, antes arrasam quase todos os governos socialistas europeus do passado recente, incluindo os de Guterres (que não é conhecido por ser nórdico). Ora, o Partido Socialista não pode fingir que esta questão não foi colocada e deve pronunciar-se. É o que faço: entendo que devemos recusar categoricamente a ideia, falsa e injusta, de que com o PS. no Governo se operou uma qualquer espécie de neo-rotativismo, incapaz de contrastar com o modelo neoliberal e de resistir ao "bloco central dos interesses". Sustento, pelo contrário, que a marca mais impressiva da nossa governação, na qual me honro de ter participado, foi justamente a marca social e que essa marca, em conjunto com a prioridade que sempre demos ao crescimento e ao emprego, permitiu um processo de convergência não apenas económica mas também social e até ambiental com os países mais desenvolvidos da Europa. E se a experiência destes dois anos de governação à direita avivou nos portugueses - e até nos partidos à nossa esquerda - a consciência destas diferenças, não faz nenhum sentido que elas sejam agora ignoradas e distorcidas no interior do próprio PS.. Aliás, Manuel Alegre chega a dizer que teria dificuldade em aderir ao PS. de hoje, o que me parece muito injusto já não apenas para Guterres mas também para o próprio Ferro Rodrigues, que nos liderou até ao mês passado. Importa que o nosso debate seja, de uma vez por todas, clarificador também sobre esta matéria.

3. Em terceiro lugar, tenho defendido que, para se apresentar como alternativa, não basta ao Partido Socialista dizer que "é contra" o Governo e que quer, genericamente, mais crescimento, mais emprego, mais investimento público e mais políticas sociais. O PS. nunca foi o partido do "não" ou "do contra", sempre teve uma atitude de proposta e solução. Do meu ponto de vista - e nisso não fui até ao momento acompanhado pelos demais candidatos - o PS. deve contrapor à cegueira "contabilística" do Governo uma concreta alternativa de política económica que vise enfrentar no médio prazo as causas estruturais

do nosso atraso e tenha a ambição de constituir um acrescido "impulso modernizador", mesmo para lá do proposto na Estratégia de Lisboa. Por isso apresentei a ideia de um plano tecnológico, com o objectivo de focalizar no conhecimento, na qualificação dos recursos humanos, na inovação tecnológica e na informatização a proposta de uma nova agenda que habilite a nossa economia a dar, finalmente, um salto qualitativo. No caminho para os novos Estados Gerais, o PS. deve convocar o que há de melhor na sociedade portuguesa para que esta visão do futuro da nossa economia possa tomar a forma de um programa de acção. Presumo que esta será, igualmente, uma ideia que vale a pena discutir.

4. Uma quarta questão é a de saber se os militantes devem eleger o seu secretário-geral com perfeito conhecimento das implicações que essa escolha terá, salvo qualquer imponderável, na designação do nosso candidato a Primeiro-Ministro. Compreendo mal que quem faz tantos apelos aos militantes contra as "estruturas dirigentes" pretenda que essa questão crucial não seja decidida pelos militantes mas sim por uma "estrutura dirigente"! A oposição do PS. ficaria muito fragilizada se a questão da liderança de uma alternativa de Governo permanecesse uma incógnita. Pela minha parte, entendo que o secretário-geral do PS. deve assumir-se como candidato a Primeiro-Ministro e considero que se algum candidato a secretário-geral sente que não reúne condições para governar tem o dever, perante os militantes, de anunciar, antes do Congresso, quem é que propõe para essa função, de entre as personalidades efectivamente disponíveis e sintonizadas com a estratégia que propõe.

5. Em quinto lugar, a questão das alianças. Enquanto a minha candidatura apenas anuncia a firme disposição de lutar por uma maioria absoluta, João Soares e Manuel Alegre antecipam a sua disponibilidade para acordos pós-eleitorais à esquerda. Do meu ponto de vista, é um erro político: a precipitada admissão pública dessas alianças denota uma injustificada falta de confiança na obtenção de uma vitória do PS. com maioria absoluta e enfraquece, objectivamente, a possibilidade de a alcançar.

6. Finalmente, a questão presidencial. Estamos perante três atitudes distintas face a uma eventual candidatura de António Guterres, que todos declaram considerar como primeira possibilidade. João Soares tenciona exigir de Guterres uma "decisão rápida", Manuel Alegre vai dizendo que Guterres "não deverá querer" ser candidato. Eu, pelo contrário, desejo sinceramente que Guterres se candidate porque é a melhor solução. Por isso, há uma coisa que nunca farei: abordar a questão presidencial com Guterres como quem lhe pergunta: "não queres, pois não?".

Estas são seis questões políticas que merecem discussão. Aqui deixo a minha opinião sobre elas, como mais um contributo para um verdadeiro debate de ideias, para que as escolhas que os socialistas venham a fazer no seu Congresso sejam escolhas responsáveis e conscientes, que conduzam à indispensável clarificação de que o PS. tanto precisa.





Discussão da Moção com militantes

## ROTEIRO DE CAMPANHA

**15 de Julho – Largo do Rato**

Apresentação de candidatura

**21 de Julho – Castelo Branco**

Início de campanha/jantar com militantes

**22 de Julho – Lisboa**

Jantar com presidentes de câmara

**23 de Julho – Porto**

Jantar com militantes

**27 de Julho – Santarém**

Encontro com militantes

**30 de Julho – Braga**

Jantar-comício com militantes

**31 de Julho – Setúbal**

Jantar com militantes

**1 de Agosto – Resende**

Almoço com militantes

**2 de Agosto – Leiria**

Jantar com militantes

**13 de Agosto – Portimão**

Jantar com militantes

**17 de Agosto – Évora**

Encontro com militantes

**20 de Agosto – Porto**

Discussão da moção com militantes

**21 de Agosto – Coimbra**

Discussão da moção com militantes

**22 de Agosto – Lisboa**

Discussão da moção com militantes

**25 de Agosto – Lisboa**

Apresentação da moção

**27 de Agosto – Torres Vedras**

Encontro com militantes

**28 de Agosto – Madeira**

Encontro com militantes

**30 de Agosto – Lisboa**

Apresentação do Plano Tecnológico ao "Clube Chiado"

**31 de Agosto – Santarém/Tomar**

Jantar com militantes

**1 de Setembro – Vila Nova de Cerveira**

Jantar com militantes

**2 de Setembro – Cascais**

Jantar com militantes

**3 de Setembro – Largo do Rato**

Debate entre os três candidatos, promovido pela Tendência Sindical Socialista

**3 de Setembro – Vila Real**

Jantar com militantes

**4 de Setembro – Viseu**

Encontro com militantes

**5 de Setembro – Portalegre**

Almoço com militantes, seguido de visita às festas de Campo Maior

**5 de Setembro – Azambuja**

Encontro com militantes

**5 de Setembro – Vila Franca de Xira**

Jantar com militantes

**6 de Setembro – Hotel Altis**

Debate entre os três candidatos, promovido pela FAUL

**7 de Setembro – Vizela**

Jantar com militantes

**8 de Setembro – Amadora**

Sessão de esclarecimento

**8 de Setembro – Lisboa**

Jantar com militantes no Hotel Altis

**Esquerda Moderna**  
José Sócrates 



# QUESTÕES QUE NOS COLOCAM

**Porfírio Silva, primeiro subscritor da moção "Uma esquerda com raízes e com futuro", responde a três questões que têm sido levantadas em debate acerca do conteúdo dessa moção.**



**PERGUNTA: Se tivesses que eleger uma ideia central da vossa moção, como a resumirias?**

**PORFÍRIO SILVA:** O PS, partido "moderado" mas não "centrista", tem obrigação de oferecer uma alternativa de governo de esquerda. Para isso, deve lutar para uma maioria absoluta. Mas deve preparar-se para governar com outros partidos de esquerda se o povo não nos der pelo menos 116 deputados. Como o PCP e o BE divergem das nossas políticas em questões essenciais (o caso da Europa é o mais flagrante), temos de nos obrigar a vir ao debate da governação à esquerda. Como sei que as nossas propostas para a modernização solidária do país são melhores que as propostas deles, não temo esse combate político frontal e aberto. Esse debate à esquerda, aliás, será útil mesmo que obtenhamos a desejada maioria absoluta, porque, se for bem conduzido, inibirá a retórica de facilidades com que a outra esquerda parlamentar tanto gosta de nos atacar.

**PERGUNTA: Alguns camaradas, ao lerem a moção "Uma esquerda com raízes e com futuro", interrogam-se: como é possível as mesmas pessoas e o mesmo texto defenderem que (a) o PS é um partido moderado e (b) o PS é um partido claramente de esquerda, capaz de desafiar outros partidos de esquerda para o debate da governação?**

**PORFÍRIO SILVA:** Eu penso que o que faz a verdadeira identidade do PS é reunir esses dois traços. O problema é que parece que temos medo de o dizer.

É claro que somos um partido moderado: nunca fomos dogmáticos (às vezes até exageramos no pragmatismo), nunca quisemos impor nenhuma "cartilha" aos portugueses, nunca seguimos uma estratégia de provocar o afrontamento radical com as outras forças políticas (como a direita fez em vários momentos da nossa história recente), sempre nos orientámos pela procura de um clima político e social sem grandes tensões, temos uma forte implantação na classe média que quer progredir mas receia grandes sobressaltos, desejamos consensos alargados em matérias cruciais para o progresso com coesão social.

Por outro lado, é claro que somos um partido de esquerda: diferimos largamente do tipo de soluções que o CDS e o PSD têm procurado, estamos empenhados em combater a exploração do homem pelo homem (e da mulher pelo homem...), somos "liberais"

em termos culturais e de costumes, temos uma forte ligação aos sectores mais desprotegidos da população, estamos empenhados num progresso com solidariedade, não esquecemos o social face ao económico.

Somos, portanto, um partido moderado e um partido de esquerda. Sabemos isso. O único problema é que alguns dos nossos dirigentes parece que têm medo de dizer isso com clareza. Nós não temos esse medo. Preferimos a clareza. Sem não for o PS a fazer esse trabalho, a partir dessa "dupla base", como conseguiremos modernizar a esquerda?

**PERGUNTA: Uma questão que tem sido colocada acerca do conteúdo da moção "Uma esquerda com raízes e com futuro" é a seguinte: seria preciso dar tanta importância ao debate do PS com outros partidos de esquerda? Não seria preferível falar menos do PCP e do BE?**

**PORFÍRIO SILVA:** Essa questão é

interessante. Deixo aqui vários elementos de resposta.

(1) O PCP e o BE gostam de dar a ideia que são "a esquerda consequente". Isto é: eles seriam a "boa" esquerda e o PS seria a esquerda que não concretiza por acções as suas palavras. Isso está errado: eles são a esquerda que fala sabendo que não será chamada a concretizar — e por isso se permitem prometer o irrealizável; o PS tem de pensar na viabilidade das suas propostas. Por isso o PS tem todo o interesse em debater assuntos concretos de governação com os outros partidos de esquerda, para que as pessoas possam avaliar do fundamento das nossas propostas — e das deles. Para isso esse debate tem de ser público. Para isso é preciso desafiar o PCP e o BE para o debate frontal e aberto, sem medo de assumir esse diálogo mas também sem "paninhos quentes" com esses partidos.

(2) Alguns defendem que se pode deixar esse debate para depois. Para quê? Para voltarmos a ter 115 deputados e depois não termos feito o "trabalho de casa" de preparar uma maioria sólida no Parlamento? Temos, a todo o custo, de evitar o grande erro político que cometemos da última vez: termos a ilusão de que se pode governar com visão de futuro sem uma maioria no parlamento.

(3) Na Europa outros partidos congéneres do PS governam ou governaram com partidos à sua esquerda. O SPD alemão, por exemplo, governa com os Verdes. Sem essa aliança, há muito tempo que a direita teria regressado ao poder. Isso não impediu o SPD de fazer as suas políticas. Além disso, essa aliança transformou os Verdes num partido diferente. Os Verdes é que tiveram de fazer o caminho político de aceitarem o realismo da governação. Os radicais, que se opunham à cooperação franca com o SPD,

foram derrotados. Venceram os defensores do acordo com o SPD a favor de um governo viável. Que o SPD tenha tomado essa iniciativa fez com que as dificuldades políticas passassem para o seio dos Verdes. Porque não havemos nós de fazer o mesmo? Há, no seio dos outros partidos de esquerda, quem ache que eles devem tentar ir para o governo com o PS. E que para isso terão de fazer cedências. Se o PS continuar a não desafiar esses partidos para o debate, ajudamos os que nesses partidos querem esconder essa dificuldade. Se os desafirmos, vamos transferir esse debate difícil para o campo deles. E nós ganharemos se toda a esquerda crescer em maturidade.

(4) Convém não esquecer, além disso, que o PCP e o BE têm valia própria na democracia portuguesa. O peso sindical do PCP devia ser mobilizado a favor de um novo equilíbrio entre competitividade e direitos dos trabalhadores. A capacidade do BE para renovar a temática política é útil a toda a esquerda. (5) Porque não falar só do PCP ou só do BE? Alguns camaradas acham que seria preferível tentar uma aproximação apenas ao BE. Acho que isso seria um grande erro. Quem será o nosso melhor aliado depende do caminho que eles suberem fazer e não de qualquer preconceito da nossa parte. Porque havemos de dar agora uma legitimidade especial ao BE, sem que eles nada tenham feito para isso? Porque havemos de dar razões ao PCP para combater à partida as nossas propostas, sem o esforço do debate, só porque dizemos desde logo que nada queremos com eles? Temos toda a vantagem em ser o vértice mais forte de um triângulo. Vamos pôr as nossas propostas em cima da mesa e lançar o debate. Acredito que as nossas alternativas são as melhores e que elas sairão vencedoras do combate político pela governação à esquerda.

## PERGUNTAS COM RESPOSTA

**Os subscritores da moção "Uma Esquerda com Raízes e com Futuro" respondem a algumas perguntas acerca da forma como encaram a sua participação na preparação do Congresso do Partido.**

**Pergunta: A vossa moção não declara o apoio a nenhum dos candidatos a secretário-geral. Isso quer dizer que estão contra todos os candidatos?**

**Resposta:** Não. Nós respeitamos todos os candidatos a secretário-geral, até porque eles prestam um serviço ao Partido proporcionando opções de escolha aos militantes. Entre os subscritores da moção "Uma Esquerda com Raízes e com Futuro" há apoiantes dos vários candidatos. O que acontece é que nós entendemos que o debate não tem de passar só pela questão do líder. Estamos unidos a propor uma estratégia para o Partido e pensamos que isso é possível mesmo sem estarmos de acordo entre nós acerca de quem deva ser o secretário-geral.

**P: O vosso objectivo neste momento é levar a moção a debate no**

**congresso. Acham que isso vai ser fácil?**

**R:** O nosso objectivo neste momento é que a moção "Uma Esquerda com Raízes e Com Futuro" vá a discussão no congresso como moção global. Para que tal aconteça é necessário que 50 delegados subscrevam a moção. Para dar o primeiro passo para alcançar esse objectivo, os subscritores e apoiantes desta moção vão tentar eleger o maior número possível de delegados que a apoiem. Nós não pensamos ganhar o congresso, mas temos visto muito interesse pelas nossas ideias por esse país fora.

**P: Mas há aí uma dificuldade: um ou uma camarada que apoie um determinado candidato a secretário-geral e apoie a vossa moção, como faz? Faz uma candidatura contra a lista que apoia o seu candidato?**

**R:** O secretário-geral é eleito directamente pelos militantes e por voto secreto. A questão das moções e do congresso é um bocadinho diferente. O secretário-geral vai chegar ao congresso já eleito. O congresso não vai mudar isso. O líder que ganhar, ganhou antes, ninguém lhe tira isso. Assim sendo, pode haver apoiantes de qualquer

dos candidatos a votar na nossa moção. Não vejo aí contradição nenhuma. Até pode haver camaradas que preferiam um determinado secretário-geral mas queiram que sejam delegados da nossa moção a representá-los no congresso.

**P: Mas na prática como é que os apoiantes da vossa moção se candidatam a delegados?**

**R:** Há camaradas em determinadas secções que vão fazer listas próprias da nossa moção. É perfeitamente normal. Mas nem todos vão seguir essa via. Penso mesmo que a maior parte dos nossos apoiantes vão seguir outros caminhos. Por exemplo, uma lista pode apoiar mais do que uma moção, pode ser uma espécie de "coligação" entre uma moção "das grandes" e a nossa moção. Mas também pode acontecer que um camarada se candidate numa lista de outra moção, declarando com toda a transparência que apoiará em congresso também a nossa moção. Não vejo qualquer problema nisso. Há duas eleições diferentes: para secretário-geral e para o congresso. É normal que os camaradas não se sintam obrigados a pensar que só há o preto e o branco — também há o cinzento! O que é preciso é

não enganar os militantes acerca das nossas intenções quando nos candidatamos.

**P: Isso quer dizer que admitem que no Congresso haja delegados eleitos por outras moções que subscrevam a vossa moção, para ela ser discutida?**

**R:** Para ela ser discutida e por concordarem com ela. Claro que admitimos essa possibilidade. Foi entendido por quem de direito (isso foi discutido na COC) que nada impede isso. Quem quer que o debate seja o mais rico possível acha que isso é positivo.

**P: Há quem pense que a vossa moção até tem ideias válidas e que é pena que, sendo uma moção sem candidato, acabe por ter menos visibilidade que outras. Estão a negociar ou a pensar em fazer qualquer acordo com algum dos candidatos?**

**R:** Nós não andamos a brincar às moções. Esta moção não é um serviço de inscrições para atingir lugares. Nós não pedimos a ninguém autorização para apresentarmos as nossas ideias, nem andámos a propor acordos secretos com ninguém. Não

sabemos se todos podem dizer isso. Nós, enquanto grupo, enquanto moção, vamos manter-nos independentes na questão do secretário-geral. E não é agora: é até ao fim. Fora isso, quanto às ideias para a orientação estratégica do partido, temos tanto direito como os outros a tentar fazer valer as nossas ideias. Vamos bater-nos por isso.

**P: Este vosso empenhamento é para acabar no congresso?**

**R:** Não, é claro que é para continuar. Queremos aprofundar as ideias que foram apresentadas e apresentar outras. Pensamos que isso é útil para o Partido.

**P: Isso quer dizer que vão fazer "oposição" a quem ganhar o Congresso?**

**R:** Não, não vamos fazer oposição nenhuma. Vamos continuar a mobilizar camaradas para discutir política, para pensar no país, para apresentar propostas que ajudem os socialistas a ganhar o país e, de futuro, a governar bem. Em princípio vamos criar um "clube de política" que aproveite o que já está feito e que leve as coisas mais longe e com mais profundidade.

## PORTUGAL MODERNO E SOLIDÁRIO

## LIBERDADE, SOLIDARIEDADE E COMPETITIVIDADE



António Fonseca Ferreira

Contribuir para um debate alargado e aprofundado de ideias e das soluções para a modernização do PS e o progresso solidário do país são os objectivos dos 165 socialistas que subscrevem a Moção "Portugal Moderno e Solidário". Torna-se necessário que a ética, a emoção e as convicções voltem à política; que os portugueses se identifiquem com novos desígnios mobilizadores; e que o PS adople a "mãe" de todas as reformas: as eleições primárias para a escolha dos (melhores) candidatos às autarquias, à Assembleia da República, às regiões autónomas.

## 1. Renovação do Partido Socialista

Ao longo desta campanha tem-se falado muito em renovação, em modernização do PS. Nós queremos ver isso traduzido em medidas concretas: mudanças no **ideário** do Partido que sintonize o socialismo com as causas do nosso tempo; mudanças na **organização e funcionamento** do PS para reforçar a sua abertura e ligação à sociedade e aos portugueses; mudanças nas **formas e métodos de acção política** e nos **protagonistas** que contribuem, efectivamente, para o reencontro dos cidadãos com a política e os políticos. Para a concretização destas mudanças a Moção "Portugal Moderno e Solidário" apresenta diversas propostas destacamos três:

- 1) a **limitação dos mandatos** executivos (autárquicos, empresas públicas e altos cargos da Administração Pública)
- 2) "Espaços PS" de elevada qualidade estética e funcional
- 3) as **eleições primárias**, para a escolha dos candidatos do Partido – dos melhores, dos mais qualificados – às autarquias, à Assembleia da República, ao Parlamento Europeu, etc..

## 2. Modernização solidária do País

Os diagnósticos estão feitos. A

nossa Moção, ao contrário do que é habitual, não se alonga nos diagnósticos. Preferimos equacionar e apresentar as soluções e as respostas para os problemas. Contudo, não podemos olvidar que: há **dois milhões** de pessoas, em Portugal, a viver no limiar da pobreza; **200 mil** pessoas a **passar fome**, com ou sem assistência pública e social; os **níveis de educação, formação** escolar e profissional são **muito baixos**; que o país tem uma **produtividade** de cerca de **50% da média europeia**; que temos uma **legislação retrógrada e hipócrita** sobre o aborto, que leva à penalização das mulheres.

Três apostas estratégicas:

Para alcançar este grande desígnio nacional, Portugal tem de fazer três apostas estratégicas: nas **pessoas**, no **território** e nas **instituições**.

Depois do 25 de Abril, em 30 anos de democracia, Portugal mudou, desenvolveu-se, venceu os desafios da democracia e da integração europeia. O sucesso destes empreendimentos deve-se, fundamentalmente, à visão estratégica do fundador e líder histórico do PS – Mário Soares – que, no momento próprio, os expressou, de uma forma clara e mobilizadora, como grandes objectivos nacionais. Temos agora, um **novo desafio** ou **novo desígnio: alcançar, no horizonte de 2015, os níveis médios europeus de produção e distribuição (mais justa) de riqueza**, com vista ao desenvolvimento e modernização solidários do País.

## 1. As pessoas

As pessoas são a primeira prioridade de qualquer programa político de matriz socialista. É para as pessoas que, em primeiro lugar, os socialistas governam. Se há, aliás, uma marca distintiva clara entre a esquerda e a direita ela focaliza-se, precisamente, na forma como são definidas as políticas relativamente às pessoas: as políticas sociais. **A visão do social é, ontem como hoje, a principal linha de separação entre a esquerda e a direita.**

Entendemos, assim, que esse enorme esforço passa, para além da justiça e coesão sociais, por dois vectores essenciais: **educação/formação e qualidade de vida**

## 1.1 Educação/Formação

A batalha da educação/formação tem de passar a ser a prioridade das prioridades em Portugal. Um objectivo que passa pela definição de uma **estratégia** com metas, linhas de acção, projectos educativos e formativos e recursos, bem como pela mobilização dos agentes educativos e de toda a sociedade portuguesa. Entre as **prioridades** desta estratégia contam-se: programa de combate ao abandono escolar; alargamento do ensino obrigatório para o 12º ano; um programa de requalificação dos docentes do ensino básico e secundário; implementação de um sistema de avaliação permanente do corpo docente; especial atenção e

medidas para a aprendizagem de português, do inglês e da matemática; o desenvolvimento do ensino profissional e profissionalizante.

Ao nível da formação profissional impõe-se, igualmente, a adopção de um conjunto de medidas que concorram para uma nova eficácia do sistema, nomeadamente: reformulação da Lei de Bases da Formação Profissional; reorientação do sistema em função da procura e das reais necessidades das pessoas e do mercado de trabalho, e não em função da oferta.

## 1.2. Qualidade de vida

Nas sociedades contemporâneas começa-se a avaliar o progresso social em termos de qualidade de vida, e não só de nível de vida. Hoje – e no futuro – coloca-se aos cidadãos uma dupla reflexão: de que serve termos um salário mais elevado se não podemos, em segurança, passear nos parques ou nas cidades, tomar banho nas praias ou respirar ar puro nos bairros em que vivemos? Mas, sem trabalho e sem dinheiro também existem poucas possibilidades de desfrutar a vida e os tempos livres. Um dos imperativos maiores, do presente e do futuro, é a compatibilização do progresso económico com a justiça social e o equilíbrio ecológico. A melhoria da qualidade de vida dos cidadãos passa, essencialmente, pela: **humanização das condições de trabalho e a realização profissional; facilitação do acesso aos serviços públicos e pessoais; garantia dos direitos do consumidor; qualidade e segurança da envolvente residencial, urbana e ambiental; qualidade da democracia e das instituições políticas, partidárias e associativas.**

## 2. O território

**O desenvolvimento sustentado do território – em termos ambientais, económicos, sociais e regionais – no respeito pelos recursos e valores naturais, ecológicos, humanos e patrimoniais, é, um dos domínios a privilegiar pela renovação socialista. Orientação que implica o estabelecimento de processos que garantam: a salvaguarda e valorização dos recursos naturais e ambientais; a assunção do património cultural e arquitectónico como recurso estratégico; um decidido (re)ordenamento do território, com prioridade à reabilitação sobre a renovação e a expansão urbana; o reforço da rede das cidades médias e dos pequenos centros urbanos, uma visão integrada dos problemas das áreas metropolitanas; a revitalização do meio rural, valorizando os respectivos recursos produtivos, patrimoniais e humanos.**

## 2.1. Reorganização da administração territorial do Estado

O País enferma de três graves problemas em matéria de organização territorial: centralismo; desconcentração desconexa; e insuficiência da dimensão municipal.

As Grandes Áreas Metropolitanas e as Comunidades Urbanas, criadas no âmbito das leis n.ºs 10 e 11/2003, não resolvem

os problemas referidos e estão feridas de incoerência por falta de critérios de organização territorial e **não possuem** legitimidade democrática e representatividade política, condições essenciais para uma efectiva descentralização. A nova legislação é insuficiente e não dispensa a **regionalização**.

**Só com a criação das regiões é que é possível descentralizar.** E só descentralizando é que se aproxima a decisão das pessoas e dos problemas e se viabiliza uma reforma eficiente da Administração Pública. É, pois, por aí que se deve caminhar.

## 3. As instituições

## 3.1. Administração Pública moderna e eficiente

A esquerda tem de assumir, sem complexos, a reforma da Administração Pública. Um Estado regulador e com capacidade de contratualização é uma das condições básicas para a afirmação do primado do político sobre o económico, o desenvolvimento da cidadania e a competitividade dos territórios e das empresas. A ineficácia da Administração Pública só serve os objectivos desreguladores do neoliberalismo e dos interesses corporativos instalados na sociedade portuguesa.

## 3.2. Competitividade

Se a redistribuição mais equitativa dos rendimentos constitui um dos principais combates da Esquerda, – uma das suas marcas distintivas da direita – os socialistas têm de assumir que só se pode distribuir o que se produz. Por isso, o lema da Esquerda moderna não pode deixar de ser: **liberdade, solidariedade e competitividade!** Um equívoco, cultivado pela direita, é fazer ver que a produtividade e a competitividade dependem das leis laborais ou de outras regulamentações. Tal posicionamento tem como resultado actuar sobre os efeitos e não sobre as causas. Em nosso entender, **os grandes constrangimentos ao progresso do país** são algumas das tendências pesadas da sociedade portuguesa, a saber: a inadequação dos sistemas escolares e de formação profissional; a desconexão e sectorialização da administração pública, central e territorial; o desmesurado poder da propriedade fundiária.

A oportunidade de desenvolver uma Estratégia territorial competitiva reforça-se com a natureza e as perspectivas do próximo Quadro Comunitário de Apoio (2007/13) que exigem uma viragem no sentido de: passar do investimento em infraestruturas ao investimento na inovação e competitividade; focagem em projectos com massa crítica, de natureza e dimensão estruturantes.

A inovação e o desenvolvimento tecnológico, designadamente no domínio da biotecnologia e das ciências da vida; a modernização da logística; a certificação da qualidade; a especialização e diferenciação dos

produtos; e a aposta nas energias renováveis são as principais linhas de acção. Subjacente a esta Estratégia está, também, o reforço da **conectividade** e das comunicações que facilitem a circulação de bens, informações e pessoas (bip).

## 3. Ganhar o próximo ciclo eleitoral

As eleições autárquicas de 2005 são o primeiro grande teste à capacidade de mobilização dos portugueses. O PS deve, assim, assumir compromissos firmes em relação à necessidade de promover a **modernização da gestão autárquica, introduzir maior transparência na acção política e aprofundar os mecanismos de participação cívica.** Esse grande impulso pela construção de uma visão consistente e partilhada, com referências claras e mobilizadoras, de médio e longo prazo, para a reorientação do poder local no sentido do ciclo da qualidade. Para alcançar esses objectivos torna-se necessário garantir:

- as condições legais, de competências e recursos – responsabilização política e cívica, reforço da capacidade financeira e técnica dos municípios – no sentido de estes se tornarem nos principais agentes de ordenamento sustentado e qualificado do território e de combate à especulação fundiária e imobiliária depredadoras;
- a aposta na mobilidade e na qualificação estética e funcional do espaço público e construído – "rua amiga do peão", com condicionamentos ao automóvel nos centros históricos e nos bairros residenciais;
- a qualidade da água, do ar e a redução da poluição sonora;
- o reforço e melhoria da oferta cultural e de lazer, designadamente através da constituição de redes sub-regionais de produção, distribuição e gestão das actividades culturais;
- uma profunda alteração dos métodos de acção política e do funcionamento do Partido, abrindo-o às realidades locais e regionais, aos movimentos sociais e de opinião;

O Partido Socialista vencerá as eleições autárquicas de 2005 se se apresentar aos portugueses com uma clara visão e propostas concretas para as novas prioridades do poder local. Prioridades e propostas centradas na qualidade de vida das pessoas – serviços públicos, oferta cultural, mobilidade, ambiente e espaços públicos; na qualificação do território e da envolvente empresarial; na melhoria da gestão autárquica e no reforço da participação dos cidadãos. Por outro lado, para esse sucesso, a escolha dos candidatos terá de se pautar por critérios transparentes e prestígio e competência.

Assim, ganharemos as eleições autárquicas. Assim ganharemos o país para um novo ciclo de aprofundamento da democracia e de progresso humano, social e económico do país.

## MORTE DO PRESIDENTE DO TC

UM ILUSTRE JURISTA  
DEDICADO À CAUSA PÚBLICA

O PS manifestou "profundo pesar" pelo falecimento do seu "ilustre militante" Luís Nunes de Almeida, que exercia o cargo de presidente do Tribunal Constitucional.

Numa nota assinada pelo seu presidente Almeida Santos, o PS refere que Luís Nunes de Almeida foi "um exemplo de elevação e dedicação cívica ao país e à causa pública, quer no desempenho do cargo de deputado pelo PS, quer sobretudo enquanto juiz do Tribunal Constitucional", onde a sua acção se pautou sempre por "um impecável sentido de isenção, um enorme empenho, e uma escrupulosa fidelidade aos princípios e valores constitucionais".

Em sinal de luto, homenagem e respeito pela memória deste seu militante e "lutador, mesmo antes do 25 de Abril, pela democracia, pela liberdade e pela afirmação do Estado de Direito em Portugal", o PS decidiu colocar na sua sede nacional a bandeira do partido a meia haste.

COMISSÃO APROVA PEC SEMELHANTE  
AO QUE O PS APRESENTOU NO PARLAMENTO

A Comissão Europeia aprovou uma reforma do Pacto de Estabilidade e Crescimento que vai ao encontro das posições que o Partido Socialista tem defendido e que apresentou na Assembleia da República. O texto da Comissão será agora submetido à discussão dos ministros das Finanças da Zona Euro, numa reunião que decorrerá em Haia no próximo dia 10 de Setembro.

Para o comissário europeu responsável pelas questões económicas e financeiras, Joaquim Almunia, a credibilidade do PEC tem vindo a ser afectada devido à rigidez das suas regras, originando críticas sobre a sua inadequação a políticas de crescimento em ciclos económicos menos positivos ou mesmo negativos, como tem acontecido com Portugal. De resto, países como a França e a Alemanha correm o risco de apresentar em 2005, pela terceira vez consecutiva, "défices excessivos".

Neste sentido, a eurodeputada socialista Elisa Ferreira afirmou no final da semana passada que as propostas agora apresentadas pela Comissão Europeia são muito idênticas às que o PS apresentou em Fevereiro na Assembleia da República, dando-lhe assim razão e mostrando como o Governo estava errado ao rejeitá-las. Apesar de considerar "impressionante" a semelhança entre as medidas propostas pelo PS e as agora apresentadas pelo comissário Almunia no sentido de tornar o Pacto mais flexível e adaptada às realidades de cada país, Elisa Ferreira disse "não estar satisfeita", antes pelo contrário, manifestou-se "preocupada com a situação económica do país".

"Preocupa-me que tenhamos colocado



o país numa rota de recessão por se ter tido uma visão dogmática e absurda do Pacto de Estabilidade e Crescimento", considerou

Para a eurodeputada foi "uma interpretação estúpida de um Pacto estúpido", embora o tenha considerado essencial, mas sem que a interpretação que dele façam "não seja de cartilha".

Elisa Ferreira acusa ainda a ex-ministra das Finanças, Manuela Ferreira Leite de ter negado que o Pacto estava em revisão, tendo adoptado uma posição muito rígida que condenou o país à recessão.

As propostas que o PS então apresentou na Assembleia da República recomendavam que o PEC privilegiasse o critério da dívida pública numa base plurianual e não apenas no défice. Valorizava também os objectivos associados ao crescimento, quer num óptica conjuntural quer

estrutural, nomeadamente os que constam da "Estratégia de Lisboa". Para o PS, os investimentos destinados a cumprir a "Estratégia de Lisboa" não deveriam ser objecto de cortes nem de reduções.

A Comissão Europeia defendeu que a revisão do Pacto visa garantir a estabilidade macroeconómica e garantir finanças públicas viáveis, que permitam melhorar o potencial de crescimento da União Europeia e realizar os objectivos da "Estratégia de Lisboa".

Entre outras medidas, Bruxelas propõe que se passe a dar mais importância à dívida e no que se refere à sua viabilidade a médio e longo prazo. Considera ainda relevante que se tenha em consideração a situação económica de cada país na fixação dos objectivos orçamentais "próximos do equilíbrio ou excedentárias".

PP

## SUGESTÕES

por LUIZ FAGUNDES DUARTE

## O EDITOR DE NERUDA



Pouca gente, muito pouca mesmo, saberá que o editor que publicou os primeiros livros do Prémio Nobel da Literatura, Pablo Neruda, era português: chamava-se Carlos George do Nascimento, e era natural da Ilha do Corvo, de onde saiu em 1905, aos vinte anos de idade, para se instalar em Santiago do Chile; mais tarde, em 1917, este ilustre emigrante açoriano viria a fundar a Editorial Nascimento, e em 1923 a sua própria oficina tipográfica, que funcionaram até 1986, vinte anos depois da morte do seu criador.

A obra de estreia da nova oficina tipográfica foi um livro de poesia, tinha por título *Desolación*, e por autora uma jovem desconhecida chamada Gabriela Mistral — que mais tarde, em 1945, seria Prémio Nobel da Literatura. Seguiu-se, pouco depois, em 1924, a publicação de um outro grande livro de poesia, da autoria de um jovem quase desconhecido que assinava com o pseudónimo Pablo Neruda, e que trazia por título *Veinte Poemas de Amor y una Canción Desesperada*; dois anos mais tarde, a Editorial Nascimento publicaria a segunda edição de um livro do mesmo poeta, *Crepusculario*. Pablo Neruda seria o Prémio Nobel da Literatura de 1971 — e, sabe-se lá porquê, depois de rico e famoso, acabaria por abandonar o editor que nele acreditara quando ninguém o conhecia, dando o exclusivo das suas obras a

uma outra editora. Mas ninguém poderá retirar ao emigrante do Corvo o mérito de ter descoberto e lançado dois grandes nomes da literatura universal do século XX: Gabriela Mistral e Pablo Neruda.

Tudo isto e muito mais se poderá saber por meio da leitura do livro *O Corvino Carlos G. Nascimento, co-arquitecto das letras chilenas*, da autoria do Prof. Vázquez de Acuña, da Universidade de Santiago do Chile. O livro foi feito sob encomenda e financiado pelo governo regional dos Açores, tendo tido o seu lançamento oficial na Ilha do Corvo, no passado dia 8 de Junho passado. Não sendo uma obra de grande qualidade literária, é no entanto de grande utilidade prática porquanto nos fornece muita informação que, sem ele, nos passaria totalmente ao lado.

Vázquez de Acuña, *O Corvino Carlos G. Nascimento, co-arquitecto das letras chilenas*.

Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura, 2004, 192 páginas.

Accção  
**Socialista**

ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO SOCIALISTA  
Propriedade do Partido Socialista

DIRECTOR Augusto Santos Silva | DIRECTOR-ADJUNTO Silvino Gomes da Silva silvino@ps.pt | REDACÇÃO J.C. Castelo Branco cbranco@ps.pt; Mary Rodrigues mary@ps.pt; P. Pisco ppisco@ps.pt | SECRETARIADO Virginia Damas virginia@ps.pt  
PAGINAÇÃO ELECTRÓNICA Francisco Sandoval francisco@ps.pt | EDIÇÃO INTERNET José Raimundo; Francisco Sandoval  
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E EXPEDIÇÃO Partido Socialista; Largo do Rato 2, 1269-143 Lisboa; Telefone 21 382 20 00, Fax 21 382 20 33  
DEPÓSITO LEGAL N.º 21339/88 | ISSN: 0871-102X | IMPRESSÃO Mirandela, Artes Gráficas SA; Rua Rodrigues Faria 103, 1300-501 Lisboa

Toda a colaboração deverá ser enviada para o endereço do jornal  
ou para accaosocialista@ps.pt

w w w . p s . p t / a c c c a o